



MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL

Caroline Lievore

Luiz Alberto Pilatti

João Alberto Sobrinho Teixeira



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Reitor
Vice-reitora
Diretora de Comunicação
Diretora-Adjunta de Comun.

Marcos Flávio de Oliveira Schiefler Filho
Tangriani Simioni Assmann
Maurini de Souza
Ana Paula Ferreira



EDITORA DA UTFPR

Coordenadora-Geral
Coordenadora-Adjunta
Assessora editorial

Eunice Liu
Giani Carla Ito
Neuci Schotten

CONSELHO EDITORIAL

Titulares

Adriani Edith Michelon
Antonio Gonçalves de Oliveira
Aruanã Antonio dos Passos
Danyel Scheidegger Soboll
Marcelo Gonçalves Trentin
Maria Helene Giovanetti Canteri
Roberto Cesar Betini
Sara Tatiana Moreira
Sidemar Presotto Nunes
Silvana Stremel

Suplentes

Adriano Lopes Romero
Anna Luiza Metidieri Cruz Malthez
Anna Silvia P. Setti da Rocha
Carina Merkle Lingnau
Ivo De Lourenço Junior
Janaina Piana
Jézili Dias
Luiz Renato Martins da Rocha
Marcelo Fernando de Lima
Mariane Kempka
Pedro Valério Dutra de Moraes

As opiniões e os conteúdos expressos neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem, necessariamente, a opinião do corpo editorial.



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

**MOBILIDADE
ESTUDANTIL
INTERNACIONAL**

© 2022 Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná



CC BY-NC-ND

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Lievore, Caroline

Mobilidade estudantil internacional [recurso eletrônico] / Caroline Lievore, Luiz Alberto Pilatti, João Alberto Sobrinho Teixeira. -- Curitiba, PR : EDUTFPR, 2022.

1 arquivo texto (166 p.) : PDF ; 1,65 MB.

Título retirado da tela de abertura.

Acesso via World Wide Web.

e-ISBN 978-65-88596-30-2

1. Mobilidade educacional. 2. Estudantes universitários - Mobilidade. 3. Estudantes universitários - Mobilidade - Brasil. 4. Estudantes universitários - Mobilidade - Portugal. 5. Instituto Politécnico de Bragança - Estudantes. 6. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Estudantes. 7. Estudantes portugueses - Paraná. 8. Estudantes brasileiros - Bragança (Portugal). I. Pilatti, Luiz Alberto - 1967-. II. Teixeira, João Alberto Sobrinho. III. Título.

CDD: ed. 23 - 378.1691

Departamento de Bibliotecas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Bibliotecário: Adriano Lopes, CRB-9/1429

Curitiba | 2022

**MOBILIDADE
ESTUDANTIL
INTERNACIONAL**

Design	Eunice Liu Marco Tulio Braga de Moraes Maiara Miotti Cunha Amanda Ross André Morales Leticia Aparecida Rubio Raquel Sales Tiago Zarowny
Capa	Maiara Miotti Cunha
Revisão	Anna Júlia Weber Hadson Oliveira Fabiola Junghans Sabrina Costa Alana Bastista Américo Giovana Lucas Marta Botelho Lira
Normalização	Anna Júlia Weber Hadson Oliveira Sabrina Costa Ludmilla Borinelli

EDUTFPR

Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Av. Sete de Setembro, 3165
80230-901 Curitiba PR
utfpr.edu.br/editora
editora.utfpr.edu.br



Caroline Lievore

Luiz Alberto Pilatti

João Alberto Sobrinho Teixeira



APRESENTAÇÃO

10

INTRODUÇÃO

14

GRUPO 1

Estudantes brasileiros da UTFPR que fizeram intercâmbio em Portugal no IPB

16

GRUPO 2

Estudantes portugueses do IPB que fizeram intercâmbio no Brasil na UTFPR

100

CONSIDERAÇÕES FINAIS

157

APRESENTAÇÃO

A internacionalização é, hoje, um desafio estratégico de qualquer instituição de ensino superior. No espaço europeu, o Processo de Bolonha e o Programa Erasmus promoveram e catapultaram as instituições, não apenas na dimensão da cooperação e no intercâmbio de estudantes e servidores, mas igualmente para uma abertura de mentalidades verdadeiramente ímpar.

O reconhecimento da formação anterior obtida em outro contexto (por exemplo, outro programa de estudos, outra instituição, outro país), a transferência e o acúmulo de créditos para continuação de estudos e obtenção de uma qualificação, são instrumentos e boas práticas que aprendemos da experiência Erasmus e da aplicação do ECTS (*European Credit Transfer and Accumulation System*).

Fazê-lo fora do contexto europeu foi, desde cedo, um objetivo estratégico do Instituto Politécnico de Bragança (IPB) que, em particular, tirou partido de um mundo de falantes da língua portuguesa que somam quase 300 milhões de pessoas. Em doze anos, construiu-se uma rede de cooperação entre o IPB e mais de 50 universidades, institutos e faculdades brasileiras, rede essa que, atualmente, representa uma mobilidade anual de cerca de 400 estudantes.

Sempre entendemos que os principais convênios de cooperação estratégica se estabelecem com instituições de ensino superior com o mesmo perfil. E foi claramente este o caso do relacionamento e da parceria estratégica entre o IPB e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O protocolo de cooperação entre a UTFPR e o IPB foi estabelecido em abril de 2013, em um relacionamento recente, mas rapidamente efervescente, de atividades e grandes desafios comuns.

Em cinco anos, a UTFPR e o IPB concretizaram um projeto de cooperação ímpar em mobilidade de estudantes, mobilidade de docentes, desenho e implementação de dupla diplomação e projetos de pesquisa. Os projetos de

dupla diplomação IPB-UTFPR assentam na mobilidade internacional do estudante durante um ano letivo onde, para além da frequência de unidades curriculares que complementam os dois currículos, são desenvolvidos trabalhos de fim de curso, estágio e dissertações de mestrado, sempre em regime de coorientação, promovendo um eficaz encontro de interesses e projetos de pesquisa aplicada dos professores de ambas as instituições.

Implementar projetos de dupla diplomação começa a ser comum na Europa pós-Bolonha e positivamente transfigurada pelo Programa Erasmus. De fato, as ferramentas e as boas práticas da mobilidade Erasmus abriram as fronteiras; entre os países europeus, entre as instituições de um mesmo país, no interior de cada instituição, em cada departamento, em cada curso.

Conseguir fazê-lo em um país que não passou por esta experiência já requer ter, do outro lado, quem tenha a visão e a vontade de trilhar solitariamente o mesmo caminho: o caminho da mudança de mentalidades. Por isso, o percurso da UTFPR tem responsáveis, e é fundado na decisão estratégica de internacionalização pela Reitoria da UTFPR, e percorre os canais de decisão e comunicação da instituição, entre diretoria de relações internacionais, diferentes campi, colegiados de curso, servidores e alunos.

Hoje, este projeto não resulta apenas na mobilidade internacional de estudantes. No âmbito desta viagem, interesses comuns de pesquisa foram encontrados e materializados em trabalhos de coorientação e publicações envolvendo as duas Instituições. Em cinco anos letivos, a plataforma de dupla diplomação IPB-UTFPR atingiu a participação de 350 estudantes.

É realmente um projeto ímpar, entre duas instituições irmãs que pretendem se afirmar como referência internacional no contexto das universidades

tecnológicas ou universidades de ciências aplicadas: como modificar a instituição para uma maior proximidade com as empresas e com as organizações externas; com o mercado de trabalho? Como criar ambientes de cocriação que envolvam simultaneamente o ensino e a investigação aplicada, os estudantes de vários níveis de ensino, os professores, os pesquisadores e as empresas? Como consolidar a instituição de ensino superior como um verdadeiro motor de desenvolvimento da região em que se insere e uma referência em nível nacional e internacional?

O material compilado neste documento, recolhendo os depoimentos dos estudantes da UTFPR e do IPB envolvidos na plataforma de dupla diplomação, é uma iniciativa louvável e de grande utilidade para o projeto. Ouvir os alunos e participantes diretos na mobilidade para dupla diplomação. Recolher as suas perceções sobre o processo e os seus resultados; sobre a experiência de formação em duas instituições, de países e sistemas de ensino superior diferentes; sobre as metodologias de ensino e aprendizagem, procurando novas experiências de aprendizagem ativa e centrada no aluno. E, não menos relevante, facilmente encontramos depoimentos sobre a experiência pessoal e social do intercâmbio, muito para além da experiência académica e técnica.

A saída da zona de conforto, a necessidade de maior independência, a adaptação a outro país e outra cultura. O que, pelo impacto da internacionalização no IPB, representa a adaptação à multiculturalidade, em face dos atuais quase 3 mil estudantes não-portugueses de 70 nacionalidades distintas.

Percepcionar que esta experiência marca positivamente a mobilidade académica. Nada melhor do que recorrer a um dos depoimentos neste documento: “[...] adquirir não só conhecimento dentro da sala de aula, como fora, pela influência que o IPB traz, com gente do mundo todo nos corredores, é incrível. O IPB consegue transformar uma instituição portuguesa em uma instituição mundial e é isso que me impressiona [...]”.

A cooperação IPB-UTFPR é única, porque a UTFPR também quer ser uma instituição mundial. E a criação de instituições mundiais, que partilham recursos,

estudantes e servidores, que oferecem formação internacional conjunta, será, certamente, um desafio estratégico que as melhores instituições quererão concretizar.

É este o caminho. Como os estudantes da UTFPR em dupla diplomação no IPB, usando *t-shirts* que dizem *UTFPR - campus Bragança*.

Prof. Dr. João Alberto Sobrinho Teixeira

Presidente do IPB de 2006 a 2018

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia de Portugal

(Gestão 2019-2022)

INTRODUÇÃO

Este material contribui inicialmente para a literatura de ensino superior sobre os processos de intercâmbio e de dupla diplomação cada vez mais presentes nas instituições brasileiras e uma realidade nas universidades europeias.

Traz conteúdo relevante para professores e gestores de duas instituições, uma brasileira, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e outra portuguesa, o Instituto Politécnico de Bragança (IPB), relatando a experiência de intercâmbio e a percepção de seus estudantes no que concerne às metodologias de ensino aplicadas (metodologia tradicional *versus* metodologia ativa), o estímulo ao empreendedorismo e à inovação, à proximidade com o mercado de trabalho, ao perfil dos docentes e, ainda, a percepção destes estudantes quanto ao conceito de universidade tecnológica e de instituto politécnico.

O material contém relatos de nove estudantes que realizaram intercâmbio entre essas duas organizações referenciadas como entidades estratégicas no Brasil e em Portugal, que elaboram mecanismos dentro de um campo complexo e relativamente recente, que é o campo das universidades tecnológicas ou, na nomenclatura internacional, Universities of Applied Sciences.

O intercâmbio de estudantes entre a UTFPR e o IPB sela uma grande parceria para a internacionalização da primeira.

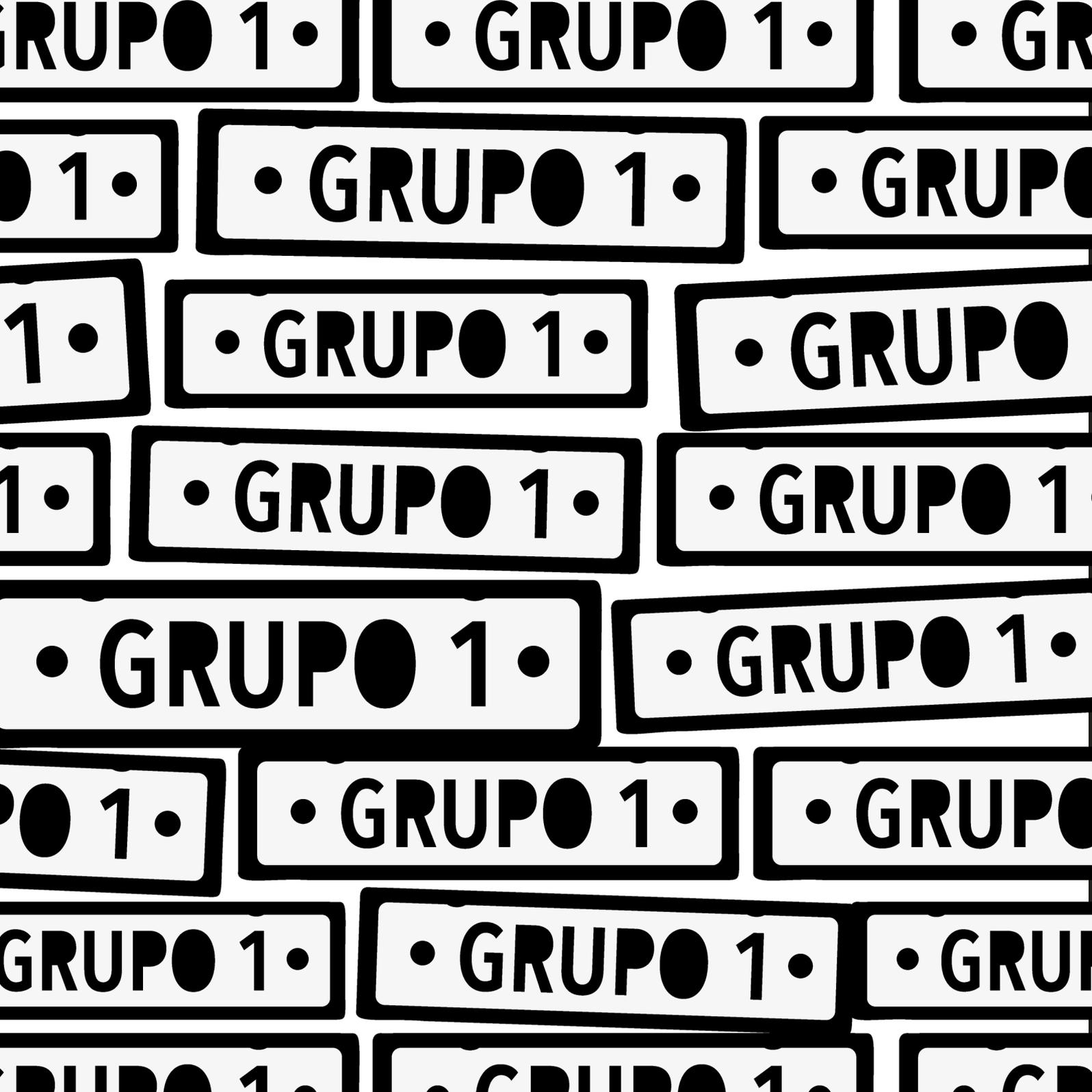
Apenas em 2017 foram enviados 73 estudantes, que obtiveram dupla diplomação, e quatro estudantes em mobilidade estudantil internacional da UTFPR para o IPB. Em sentido inverso, o número ainda é ínfimo: apenas três estudantes do IPB vieram para o Brasil estudar na UTFPR, todos em dupla diplomação.

A escolha dos entrevistados foi realizada com auxílio do Escritório de Relações Internacionais do IPB. Foram convidados para participar da pesquisa cinco estudantes do IPB que fizeram intercâmbio na UTFPR, e já haviam concluído

o processo, contudo, apenas quatro aceitaram participar. Do outro lado, foram convidados dez intercambistas da UTFPR que estavam em seu último semestre no IPB, mas apenas cinco aceitaram participar da pesquisa.

Os nomes dos estudantes foram mantidos em sigilo, em consonância com os procedimentos de ética em pesquisa científica. As entrevistas foram realizadas no IPB, na cidade de Bragança, em Portugal, entre setembro e outubro de 2018, gravadas e transcritas, dando origem a 62 páginas de texto.

O tempo médio das entrevistas foi de aproximadamente 30 minutos. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, na presença somente da pesquisadora e do estudante, através de um roteiro estruturado de perguntas.



**Estudantes brasileiros
da UTFPR que fizeram
intercâmbio em
Portugal no IPB**



PORTUGAL



ESTUDANTE A

CURSO NA UTFPR, CAMPUS PATO BRANCO:
ENGENHARIA CIVIL

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA DA CONSTRUÇÃO

PERÍODO:
OUTUBRO DE 2017 A DEZEMBRO DE 2018

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
4 DE OUTUBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio no IPB?

» Primeiro, foi porque como a gente tinha a possibilidade de fazer a MEI (Mobilidade Estudantil Internacional), mesmo eu sendo da época em que existia o Ciências sem Fronteiras, eu podia ter ido, mas não fui. E depois teve o BRAFITEC (Brasil France Ingénieur Technologie), só que a seleção era bem complicada, não era dividido por cursos, era geral, e eu não consegui.

A minha ideia era fazer o intercâmbio através do MEI, só que o MEI funciona como um curso de extensão e, quando eu percebi que no IPB eu poderia ter a dupla diplomação e a possibilidade de conseguir o passaporte europeu, ou um estágio, eu optei por vir para cá.

Então, ter dupla diplomação, que é ter uma profissão reconhecida na Europa, e depois conseguir um passaporte europeu, não terá como benefício só a vinda para o exterior, mas vários outros benefícios com isso. Foi o que me motivou e motivou os meus pais também a investirem nesta ideia.

Para você, o que é ser intercambista?

» Primeiro, você sai totalmente da zona de conforto; a burocracia e a disciplina que você precisa ter até chegar aqui são muito grandes, só quem passou por todo o processo, pelo pedido de visto, burocracia no consulado, sabe o que é isso.

Então, acho que já no início a tua disciplina é colocada à prova, os teus nervos, porque foi tenso, ainda mais porque o meu visto atrasou. Então, teve todo o processo de troca de passagem, perda de dinheiro envolvida, uma dor de cabeça bem considerável.

Mas isso é muito engraçado, até comento com a minha mãe, a minha vinda para cá não só mudou a minha visão de mundo, como a de todo mundo lá de casa, porque eu nunca fiquei tanto tempo fora. Então, desenvolvi uma independência, mas as pessoas que moravam lá em casa também tiveram que desenvolver.

Acredito que existe um F* (entrevistado) antes do intercâmbio e um F* (entrevistado) depois; a gente muda muito. Eu era de uma cidade pequena, de 17 mil habitantes, então eu nunca tinha ido para metrópoles. Nunca tinha vivenciado a vida em uma cidade grande ou essa independência, porque é outra realidade você estar em um lugar diferente.

E foi um salto gigantesco, se você olha a realidade das pessoas da minha cidade e onde eu estou hoje, com as minhas viagens eu conheço praticamente todas as principais cidades da Europa, isso é uma coisa que, quando eu falo para minha mãe, às vezes chega até a escorrer uma lágrima de orgulho no rosto dela.

E eu acho muito bacana como o intercâmbio abre a tua visão de mundo, tua cultura, acho que a partir do momento que você está nesse estágio, você não consegue mais regredir, você sempre vai querer melhorar, porque você está experimentando o que o mundo está te oferecendo, e depois você voltar para o mundinho..., é complicado.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Não, porque a minha família toda é meio italiana, então a gente tem um pouco dessa cultura europeia. Eu acho que quem vem do Norte e Nordeste sente mais dificuldade, principalmente pela questão da alimentação e do clima.

Lá no Sul do nosso país faz frio, a comida que eu como aqui é normalmente a que eu como lá, então eu não senti problema nenhum. Outra questão é que eu não ia muito para casa, passava a semana toda em Pato Branco, na UTFPR, e já tinha aquela coisa de ficar longe de casa.

Agora, eu vi alunos que vieram do Nordeste, do Norte, e que moravam com os pais: eles sentiram o frio, a falta daquelas comidas extremamente típicas, peixes amazônicos, tucupi, tacacá, essas coisas. Chega aqui e não tem nada disso, eu acho que o baque deles é bem maior.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Não, mas eu gostei da oferta que eles têm. Eu não gosto de dizer que eu sou fluente em inglês, porque eu não sou fluente nem em português, todo dia eu estou aprendendo uma palavra nova em português, então eu falo que eu sei me virar em inglês. Só que, como eu vi aqui que tinha cursos de francês, alemão e outras coisas, pensei: "Por que não?" e comecei o curso de francês, ele me despertou interesse em outras línguas.

Ainda mais porque a Europa é uma coisa absurda, são culturas extremamente diferentes em um espaço tão pequeno e, já que eu tenho a oportunidade de conhecer outros lugares, decidi conhecer também a língua.

Eu tive algumas disciplinas em inglês também, mas não tive problema com elas, acho que quem não tem inglês sofreria um pouco, quem não tem facilidade. Hoje em dia é meio obrigatório o jovem saber inglês e o intercâmbio me provou que não, eu vejo que isso é uma realidade na Europa inteira, acho que, quanto mais desenvolvido é o país, menos o jovem tem interesse em conhecer outras línguas, porque ele fica naquela zona de conforto. Por exemplo, na Itália poucos jovens sabem falar inglês; na França a mesma coisa, às vezes eu fico até orgulhoso de nós brasileiros, porque a gente vem para um país e fala a língua deles. E eu fico muito orgulhoso de saber português, porque o português possui uma gramática muito complexa, então aprender outras línguas acaba ficando mais fácil.

Mas, realmente, se você não sabe inglês, vai passar um pouco de perrengue aqui no IPB e em qualquer lugar que você for viajar, porque a língua universal é o inglês.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional versus metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» É complicado. Eu entrei na área de estruturas aqui, eu me especializei, só fiz matérias dessa área, que é uma disciplina complicada no curso de Engenharia Civil.

Ela usa uma metodologia antiga, do professor fazer, fazer, fazer, falar, falar, falar... e, no final, você faz um exercício e essa é a matéria. Eu senti que aqui era assim também, não teve diferenciação, eu senti como se eu estivesse na UTFPR.

Conversando com as outras pessoas sobre a questão da metodologia um pouco mais ativa, eu acho que é mais real na licenciatura, por-

que, pelo que eu entendi, quando você termina a licenciatura, você faz um projeto que tenta englobar praticamente tudo o que você estudou.

Então ali, nas licenciaturas, eu acho que senti uma inovação na metodologia de ensino. Mas não sei, era o que eu estava pensando antes de vir para cá, que seria diferente. Talvez dessa forma eles criam aquele incentivo no aluno, com mais autonomia, não sei.

Sinto isso no mestrado, talvez porque o aluno já tem, nesta fase, uma motivação interna, e aí a metodologia é mais centrada no aluno. Então, eu não senti diferença, as duas metodologias, tanto aqui no IPB como na UTFPR, são tradicionais.

E eu penso que o professor tem dificuldade para sair da sua zona de conforto, porque se ele não gosta da matéria é só decorar e falar, usar os mesmos materiais.

Às vezes eu sinto que, se você sai um pouquinho do assunto, abre o tema ou quer um exemplo um pouco mais amplo, o professor já não consegue. Mas eu não sei se é um problema da área de estruturas, que realmente é uma coisa complicada, que é muito tradicional ainda.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de

caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Eu acho que foi equivalente. Posso dizer que a minha experiência aqui foi a mesma, em questão de ensino. Tudo bem que aqui eu tive matérias um pouco mais aprofundadas, é quase um mestrado, mas em questão de apresentar problemas assim, os dois apresentam. Me baseando na UTFPR, eu sinto que demora um tempo, demora um tempo até eles começarem a te inserir no contexto da Engenharia Civil. Às vezes, você está no sexto, no sétimo semestre, e você não tem muita noção do que você está fazendo, ou do que fará na carreira. Aí no oitavo, no nono, você fala: “Opa, agora eu estou me sentindo um engenheiro”.

Neste sentido que eu lhe disse outro dia, que para ser engenheiro civil você precisa de uma motivação interna muito forte, porque às vezes são seis semestres que você está ali levando rasteira e tem que levantar e continuar, e você se questiona: “Será que eu estou no curso certo?”. Muitas vezes eles não colocam à prova o que você está aprendendo, mas só no final os professores mostram, pegam um edifício e falam: “Assim que vai ter que ser o lançamento da estrutura”. Mas isso não é desde o começo do curso, e é uma coisa que eu espero que mude, porque, não gosto de afirmar com certeza, boa parte da evasão de alunos acontece pela forma tradicional como é conduzido o ensino da engenharia, principalmente a Civil.

Eu vejo que as outras engenharias tendem um pouco mais para o lado da indústria, e a nossa consegue ser uma engenharia mais autônoma. Então, por não exigir o contato com a indústria, que a Engenharia Mecânica tem, que a Engenharia de Alimentos tem, porque é difícil você abrir um escritório de Engenharia Mecânica, você geralmente vai para a indústria. Mas, se você quiser sair da faculdade e abrir uma cons-

trutora, até é possível, eu posso. Então, acho que por isso, por não ter essa exigência, você fica mais na zona de conforto, tanto é que, se você comparar a produção científica de qualquer outra engenharia com a Engenharia Civil, é ridículo o que a gente produz, porque a gente está em uma zona de conforto, a gente não precisa de muita inovação mesmo conseguindo produzir; já o outro pessoal exige, porque senão alguém vai lá e passa na frente.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Eu acho que o ensino é mais centrado no aluno nas licenciaturas do IPB, por eles terem que fazer um projeto bem completo, que envolve todas as áreas, diferentemente da engenharia na UTFPR, que a gente acaba dimensionando um pilar, e em outra matéria dimensionando uma viga, em outra matéria dimensionando uma laje, mas não tem uma matéria que englobe tudo.

Eu senti isso na licenciatura. Para você ter o grau de licenciado aqui no IPB, e isso que eu achei muito bacana deles, os alunos desenvolvem um projeto e você tem que fazer do início ao fim, para saber toda a conexão entre uma disciplina e outra, não fica uma coisa isolada.

Lá na minha universidade tem, mas é uma optativa e não faz exatamente aquilo que propõe. Então, eu gostei dessa parte aqui porque, realmente, eu sei dimensionar elementos isolados, mas a estrutura não

funciona isolada, ela é um conjunto, e às vezes essa noção a gente não tem. Eles, aqui no IPB, já têm a ideia do que seria trabalhar em uma empresa de projetos e, nós na UTFPR, temos só uma noção acadêmica.

Eu senti isso, porque eu vi que eles estavam sofrendo bastante, eu tenho alguns amigos na licenciatura e eu queria ter passado pelo mesmo processo, eu acho que é uma coisa bem legal, seria muito interessante se a UTFPR fizesse. Porém, isso vai mais da boa vontade do professor, que infelizmente, no nosso campus, tem muita resistência; e alguns professores que querem inovar, sofrem.

Também saí totalmente da zona de conforto deles, eu via quando fazia monitoria, eu adorava fazer, então eu pedi que trouxessem vários protótipos, porque o que eu via durante o processo, as pessoas às vezes não viam. Então eu tinha motivação - *eu estou fazendo porque eu sei o que eu estou fazendo* -, e algumas pessoas estavam fazendo exatamente a mesma coisa e não viam aquilo, e com uns pedacinhos de espuma, coisas super simples, de 10 reais, eles conseguiram entender.

Quando isso acontece, dá aquele brilho nos olhos, de: "Ah...! Agora eu entendi!". É isso que eu sinto falta nos nossos professores, porque eles acabam ensinando uma coisa que eles não gostam, então eles ensinam de uma forma decorada e, se eles não estão motivados, eles não vão conseguir passar motivação para os alunos.

Eu tive poucos professores que gostavam do que faziam, e era visível quem gostava e quem não gostava, a aula era muito mais gostosa de assistir, sinto falta disso, e acho que não adianta criar metodologias se o corpo docente não acompanha isso, se eles não estão tão motivados.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Eu senti mais no IPB. Eu sinto que a UTFPR tem muitos professores com dedicação exclusiva, e eu acho que isso é terrível para a universidade e é muito ruim para o aluno.

Por exemplo, concreto protendido é um tipo de concreto que é mais difícil para trabalhar, é de uma complexidade de cálculo e de execução, e minha professora estava ensinando isso, só que ela nunca tinha visto um concreto protendido sendo feito, nunca, sendo que era só ir em uma obra para ver.

Ou seja, ela saiu da faculdade e já foi ser professora, eu acho isso péssimo para o ensino de engenharia. Eu vejo que aqui já é diferente: os nossos professores do IPB têm contato com a indústria.

Tenho uma amiga que fez o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) em parceria com uma empresa, os professores gostaram tanto, que agora ela vai participar como pesquisadora aqui no IPB. Sua pesquisa será em parceria com uma empresa francesa que está querendo se instalar aqui em Portugal, e está com um problema de dimensionamento, por isso eles estão levando o problema para a pesquisa, para tentar resolver.

Então, eu sinto claramente que tem uma proximidade do mercado que ainda no Brasil está a alguns anos luz de distância, pelo menos em Pato Branco, campus pequeno, cidade pequena, às vezes não tem necessidade de pesquisa como em cidade grande. E aqui, quando eu conversava ou tinha aulas com um professor, eles davam exemplos do que fizeram em alguma indústria, e eu sinto muita falta disso no Brasil, dessa experiência de mercado.

Antes de vir para o IPB, eu queria muito ter feito mestrado profissionalizante, que estava começando no Brasil, acho que era 50% do corpo técnico, do corpo docente, tinha que ter experiência de mercado, eu achava isso incrível, porque não fica uma coisa abstrata, teórica, é algo mais aplicado, que te dá aquele estímulo de: então a gente usa mesmo isso.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Totalmente. Aqui no IPB tem mais, existe uma fronteira mais aberta do que na UTFPR. Eu acho que no Brasil, como a USP (Universidade de São Paulo), essas universidades maiores que já estão mais consolidadas e por serem mais famosas, então atraem o olhar de empresas e empresários.

Agora, as menores de interior têm uma cortina de concreto em volta. Aqui no IPB, eles não exigem muito para você passar, você não precisa estudar muito para conseguir esse diploma aqui, mas eles te dão muito mais suporte se você quiser desenvolver alguma coisa diferente, empreender, desenvolver projeto com empresa.

No Brasil, pelo menos lá na UTFPR, não tinha muitas opções, se quisesse fazer alguma coisa era na área de matérias, cimento, a maioria das pessoas não gosta de cimento, e só tinha aquilo lá, e aqui já existe um leque bem mais amplo.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» Acho que a maior diferença é a questão da dedicação exclusiva. Talvez essa seja a parte mais gritante, dedicação exclusiva é péssimo para o aluno, é muito ruim. Priva o aluno de ter o conhecimento prático, porque nem o professor tem, já que ele fez mestrado, doutorado e foi dar aula. E o mercado, com a competição, a rivalidade, é o que incentiva você a buscar novas coisas.

Se você fica ali na área acadêmica, você se estagna e, por mais que algumas áreas não tenham um grau de evolução tecnológica tão grande, alguma nova tecnologia sempre há, e eu acho que, ficando no meio acadêmico, você não se força a atualizar.

Coisa que no mercado de trabalho não acontece, você tem que estar ali sempre atento às mudanças e novidades, porque a competição está ali, você precisa estar sempre por dentro das coisas. No IPB, acho que os professores têm mais experiência no mercado de trabalho, e a gente sente isso nas aulas.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de uma universidade tecnológica, a UTFPR. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica.

» O que eu levei em consideração foi que, na época em que entrei, aconteceu aquele Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) conturbado, que considerou a UTFPR a terceira melhor do Brasil, e não é bem isso; lembro que foi uma amostra muito pequena do universo da UTFPR comparada à mesma amostra das outras universidades, então não foi uma coisa muito representativa.

Mas isso não foi o principal. Eu levei mais em consideração por ser uma universidade federal, do que por ser tecnológica, confesso. Hoje em dia, eu gosto da UTFPR, mas eu sinto que falta ter diversidade de

perspectivas e opiniões. Como só haver cursos tecnológicos, só ter pessoas de exatas. Eu acho que faltam pessoas da área de humanas, faltam outros cursos, falta área de biológicas, o que seria muito importante para você desenvolver sua visão de mundo, ter diferentes perspectivas.

Às vezes, acaba tendo uma perspectiva muito semelhante, com pensamentos iguais, por ser todo mundo da área de exatas, disso eu sinto um pouco de falta, por ser uma universidade tecnológica.

O lado bom é que pelo acesso ser pelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), então vem gente de diversas regiões do Brasil, e isso ajuda a dar uma amenizada, mas se não fosse pelo Enem, se fosse só tecnológica, com acesso somente pelo vestibular, eu acho que seria uma realidade bem complicada em relação ao desenvolvimento pessoal dos alunos. Profissionalmente talvez seja bom, mas pessoalmente seria complicado.

Não sei se eu me fiz entender, eu acho que quando você se forma, no nível técnico, praticamente todo mundo vai ter o mesmo nível, só que, com relação à inteligência emocional, aquelas outras habilidades que, por você estar em um ambiente extremamente teórico, técnico, só de números, essas habilidades não se desenvolvem. Uma coisa que a gente comenta muito, eu tenho alguns amigos que só ficaram estudando, estudando, estudando, a vida acadêmica inteira e, no final, eles pareciam uns robozinhos.

Então, o nível técnico é muito importante, mas acho que, quando você se forma, praticamente todo mundo é nivelado no nível técnico, o que diferencia é o saber lidar com as pessoas. Eu sinto falta disso. Na UTFPR, a gente precisa ir muito mais em busca das humanidades do que quem estuda em uma universidade ampla, convencional.

Eu vejo isso pelo nosso DCE (Diretório Central dos Estudantes), que não é muito forte: quando você está em um ambiente que predomina a área de exatas, ninguém se importa muito com questões mais humanas.

Não estou defendendo nenhum partido, mas normalmente tem uma hegemonia de tal pensamento que às vezes é bom ter o outro lado. Por exemplo, nosso DCE é muito forte, esses movimentos que tendem a ser mais esquerdistas, quase não tem. Eu acho que seria bacana para gente pensar: “Nossa, talvez esse ponto de vista esteja certo”, ou “Não concordo com aquele ponto”.

Mas acho importante ter essa discussão, que praticamente não tem lá na UTFPR. Eu fico muito feliz com os acordos que a UTFPR está fazendo, porque eu vejo que outras universidades brasileiras não têm essas possibilidades. Digamos, não é muito difícil a gente vir aqui para o IPB, a gente tem bastante oferta na UTFPR, só que outras universidades já não têm.

Em São Paulo, acho que eram 10 vagas para o estado inteiro concorrer para vir para o IPB. Já para nós da UTFPR não, eram cinco vagas por curso, por campus. Isso é incrível! França, Alemanha, Rússia, Itália, fiquei muito feliz quando eu vi o termo. Me posicionando também em relação ao reitor, achei muito bacana que ele está cumprindo essa parte da internacionalização, que tinha sido proposta. Quando eu cheguei, em 2013, não tinha, tinha talvez o BRAFITEC e o Ciências sem Fronteiras, e agora existem inúmeras possibilidades. Por mais que o Ciências sem Fronteiras tenha sido um programa bacana e tudo mais, em questão de currículo ele não te agrega tanto quanto uma dupla diplomação, porque você está tendo a oportunidade de ter um curso extra, além de um diploma. Então, isso que eu acho muito bacana da UTFPR, e os meus amigos de outras

universidades falam: “Nossa, o meu curso, ou a minha universidade não tem isso”.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Vou falar da UTFPR porque eu conheço melhor. Eu acho que a UTFPR começou, mas se perdeu, porque no conceito tecnológico é necessário ter a vocação de quem está fazendo. Acho que uma universidade normal é muito mais fácil do que uma universidade tecnológica voltada para o mercado.

Então, por exemplo, nos laboratórios tinham muitas coisas que a gente via há um tempo, uns anos que estavam lá e ninguém mais usava. Por exemplo, na parte hidrossanitária existia uns equipamentos italianos muito caros que estavam deixados de lado e que era para a gente estudar como a água passava pelas tubulações e coisas do tipo, que permitia que a gente visse na prática aquilo que a gente estava calculando, mas os professores não usavam.

Eu tenho certeza de que antigamente usavam, na época do CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), provavelmente. Eu sinto que a UTFPR decaiu da época do CEFET para o que é hoje, ela deixou de ser profissionalizante, para ficar em um âmbito teórico, que é uma zona de conforto maior para o professor do que ir lá no laboratório mostrar os encanamentos e equipamentos.

O professor tem que sair da sala, tem que ir lá, saber usar, saber aplicar a teoria, e é muito mais fácil mostrar no PowerPoint. Eu sinto que eles tinham estrutura para aquilo, mas não usam. A parte de saneamento bá-

sico, a gente tem um laboratório com vários microscópios, mas a gente nunca usou.

Talvez não seja específico para a nossa área, mas a gente poderia saber quais são os microrganismos que estão presentes no ar, que auxiliam na transformação do esgoto em água que pode ser despejada no rio...

Poderia ter maior interdisciplinaridade, mas não fazem. É muito mais fácil ser universidade clássica do que ser universidade tecnológica, então eu sinto que ela se perdeu, porque estrutura tem, só não usam e, talvez, se forem usar hoje, já esteja estragado ou descalibrado.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Eu gosto muito do campus Pato Branco porque, desde que cheguei, eu não senti tanto a crise *batendo* na universidade, porque eu acho que a UTFPR tem a questão financeira muito boa e estável.

Sempre que eu estive lá, tinha reforma, a infraestrutura é boa, comparando com outras universidades eu vejo que a nossa UTFPR tem uma estrutura muito boa, não é cadeira de madeira, é cadeira estofada, tudo limpo, todas as salas têm retroprojektor.

Eu falo, quando alguns amigos meus estão na dúvida entre federal e estadual - *federal*, não pense duas vezes. A questão dos acordos, olha onde eu estou hoje, estou aqui porque não foi difícil, porque eu sempre gostei de estudar, de certa forma eu senti que foi até um reconhecimento da universidade pelo meu esforço estar aqui. Eu acho isso muito bacana porque, realmente, conversando com outros amigos, eles não tiveram essa oportunidade.

Digamos que para eles estarem aqui seria muito mais difícil do que foi para mim, mas eles sabem que, pela forma como foi concebido, não é aquela coisa impossível, foi algo que foi seguindo o fluxo. Então a essa facilidade que a UTFPR proporciona aos alunos que querem fazer intercâmbio, vou ser sempre grato.

Tudo bem, foi um pouco devido ao meu esforço, mas boa parte foi por todo o *background* que eles fizeram para que eu pudesse chegar aqui, porque não deve ter sido tão fácil, e eu tenho muito a agradecer à UTFPR. A gente tem sempre pontos para reclamar, sempre tem pontos para melhorar, mas também tem coisa que a gente tem que elogiar. Sobre o IPB, eu fico surpreso por ele ser em Bragança. A gente fala que Bragança é igual Pato Branco, é praticamente longe de tudo, pequena, interior do interior, mas como o IPB é muito mais internacionalizado, você vê gente de todos os lugares do mundo. Então é muito bacana para tua visão de mundo, isso complementou o que faltou na UTFPR, complementou a minha formação pelo fato de a UTFPR ser extremamente tecnológica, e o IPB abriu minha cabeça.

Eu acho que poderia ser até um pré-requisito no final, você faz a UTFPR e finaliza no IPB, para completar todo o seu desenvolvimento técnico e pessoal. Aqui, eu senti que você desenvolve o lado técnico, mas muito o lado pessoal também, porque você percebe experiências de outras pessoas, conversa com outras nacionalidades e culturas, e foi muito enriquecedor.

Eu não esperava tudo isso aqui no IPB. Quando começou o processo, era para eu ter ido para Porto, tinha um acordo com a Universidade do Porto, mas foi encerrado e viemos para cá.

Na época eu não gostei, principalmente por ser uma cidade pequena como era Pato Branco, mas acabei me surpreendendo. Cheguei com expectativa zero, achando que não seria legal, que eu só ia conseguir um duplo diploma, ponto, mas quando cheguei aqui e comecei a ver as

coisas, a infraestrutura, a UTFPR já é bacana, aqui conseguiu ser melhor, a cantina sem comparações, eu realmente estou na Europa.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Acho que não, não.



PORTUGAL



ESTUDANTE B

CURSO NA UTFPR, CAMPUS PONTA GROSSA:
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

PERÍODO:
OUTUBRO DE 2017 A DEZEMBRO DE 2018

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
1.º DE OUTUBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio no IPB?

» Primeiramente, quando eu pesquisei sobre a universidade aqui em Portugal, era uma universidade muito conceituada, se destacava entre uma das primeiras universidades de Portugal, então surgiu a oportunidade de fazer o intercâmbio pela UTFPR e achei que seria muito bom para o meu currículo uma universidade europeia.

Para você, o que é ser intercambista?

» Eu achei muito legal, principalmente pelo fato de a Europa estar conectada pelo programa Erasmus; então, quando você traz pessoas de outros países, você tem um intercâmbio cultural muito maior, para além de Portugal.

Eu imaginava que conheceria só Portugal, que teria relacionamentos só com portugueses, e muito pelo contrário: eu tenho muito mais amigos de outros lugares da Europa, do que propriamente de Portugal.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Sim, principalmente no quesito família. Você ter a sua família longe, sem saber o que está acontecendo, se está ocorrendo uma doença, alguma coisa do tipo, a gente se sente muito mal de não estar perto.

Então, eu acho que o que mais me abalou foi a distância daquelas pessoas que eu gosto. Sobre a localização em Portugal, eu digo que eu tive uma casa muito boa, então não fez eu me sentir longe de casa no quesito ambientação.

A comida também não é tão diferente, apesar de eu sentir falta de algumas coisas assim que a gente come diariamente lá. Mas o que eu sinto mais falta é da minha família, a saudade da família e a distância, acho que essa é a maior dificuldade para mim.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Sim, no IPB o inglês é muito necessário, inclusive quando eu cheguei aqui eu não falava quase nada de inglês. Antes de eu vir, eu fiz um mês inteiro de *intensivão*, porque aqui as minhas aulas seriam todas em inglês e não em português, apesar de eu estar em Portugal, o que eu achei fantástico e ao mesmo tempo assustador.

Mas eu gostei da experiência que tive, porque eu aprendi muito da língua em quase um ano. Eu consigo me comunicar com as pessoas, coisa que quando eu cheguei aqui eu não conseguia.

Dentro da minha casa eu vivi com uma polonesa, a Olga, e um romeno, o Marius, e isso contribuiu muito, porque eu tinha que me forçar a falar inglês com eles e isso me fez aprender mais uma língua. Então, o conhecimento não foi só do IPB, foi dentro da minha casa, que eu aprendi o inglês e saí aprendendo um pouquinho de espanhol, porque também convivi com dois colombianos.

Além disso, agora eu já sei um pouquinho mais de espanhol, porque meu namorado é mexicano e ele fala comigo em espanhol, então para mim a questão da língua é mais um ganho.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional *versus* metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» Na UTFPR eu acho que a metodologia do professor de chegar em sala de aula, dar a aula e você buscar informações mais teóricas ocorre mais, do que especificamente ter aulas práticas.

Eu acho que isso tem uma qualidade para nós da UTFPR, porque nós trazemos muito conhecimento de vários tipos de áreas, porém a UTFPR não exercita a prática dos alunos, por falta inclusive de verba do governo, eu imagino.

Eu posso dar o exemplo da minha tese. A minha tese é composta por *Arduinos*, que são placas de dispositivos OT (*Operational Technology*), se eu posso assim dizer, e aqui dentro do IPB eu consegui ter acesso rapidamente.

Os professores conseguiram comprar para mim essas placas, e eu só precisei falar com a minha orientadora de como seria a disposição dos dispositivos, como eles iam funcionar na minha tese, e ela comprou para mim, e foi muito rápido.

Na UTFPR, eu sei que muito provavelmente eu não teria tanta facilidade, diga-se de passagem. A gente tem aulas que são voltadas a esses dispositivos, que a gente só consegue simular no computador, a gente não tem os dispositivos reais. Então nisso a UTFPR peca muito, acho que as aulas são mais tradicionais lá no Brasil, lá na UTFPR.

Isso contribui muito em alguns aspectos, mas, por outro lado, também é ruim, porque a gente é mais preparado para o meio acadêmico do que para o mercado de trabalho. Porém, aqui é o contrário, aqui no IPB eles investem muito na prática e são insuficientes na teoria, e isso acaba sendo, pelo menos no meu curso, ruim para os alunos, porque nós temos que correr atrás daquilo que a gente precisa saber, do conhecimento, e muitas vezes a gente não acha o conhecimento certo.

Quem não é tão autodidata e não sabe os lugares corretos para encontrar informações tem mais dificuldade. Aqui, os professores dão muita autonomia, e não mostram os lugares onde a gente pode encontrar o conhecimento. Eles não dão essa orientação. Sinto falta deles darem uma direção para a gente, onde encontrar a parte teórica.

Eu acho que funcionaria melhor do que somente a prática. Aqui incentivam muito a autonomia e a prática, mas pouco a teoria e eu acho que tem que ter uma balança, um equilíbrio. Neste ponto, eu achei muito importante para minha formação vir para cá, inclusive porque assim eu achei o equilíbrio, o IPB oferecendo a prática e a UTFPR oferecendo a teoria, então eu consegui unir as duas coisas e me transformar em um aluno melhor.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB? Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Na UTFPR, nem tanto, porque geralmente os professores são mais voltados à própria área acadêmica e, se não me engano, não tenho certeza, eles são proibidos de exercer trabalhos fora da universidade, é um regime de dedicação exclusiva.

Aqui, pelo contrário, eu vejo que tem professores que inclusive têm suas próprias empresas, e por isso eles trazem um pouco deste conhecimento para as aulas. Isso também traz alguns problemas, porque alguns professores, igual eu já tive aqui no IPB, não vou citar nomes, mas que, por trabalhar em uma empresa ou terem uma empresa, eles se dedicam mais à empresa do que propriamente ao IPB.

Como já aconteceu, por exemplo, de eu chegar e marcar um horário para tirar dúvidas com o professor e ele estava na sua empresa, eu marquei durante quatro semanas esse atendimento e o professor nunca apareceu no horário de atendimento que estava reservado para atendimento aos alunos aqui dentro do IPB.

Então, também é uma questão de balanço; na UTFPR, eu acho que neste sentido é pior, porque não tem nada, nenhum professor que traz *know-how*, a não ser aqueles que trabalharam antes e depois passaram em um concurso público, e agora estão exercendo somente a profissão de professor, esses tentam trazer.

Meu orientador mesmo, da UTFPR, trabalhou em uma empresa de telecomunicações móveis e trouxe suas experiências para a aula. Aqui, as aulas práticas são mais intensas, e eu acho que é por este aspecto do professor, porém eles às vezes se dedicam mais ao trabalho externo do que à academia.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Eu acho que isso depende um pouco do professor, mas, geralmente, dentro da nossa UTFPR, eles são realmente mais focados em expor todo o conhecimento que eles têm para os alunos, e a gente se senta, aprende, decora, muitas vezes, como acontece em alguns casos, e utiliza em uma prova, e é o suficiente para passar na matéria.

Então, é um conhecimento limitado, que o professor acha que é o certo e necessário passar para os alunos. Aqui no IPB, de certa forma acontece uma coisa que é parecida, só que é o modelo de Bolonha, então é um pouquinho modificado, o professor expõe o mínimo e os alunos se viram com o resto.

Dá mais autonomia, com certeza, mas eu acho estranho, não sei se é pelo fato de eu já ter o sistema tradicional imposto sobre mim desde a infância, mas é mais estranho pelo motivo que eu já tinha comentado: o professor fala para a gente buscar o conhecimento, mas não dá direção, ou direciona muito superficialmente. E eu acho a autonomia muito mais importante.

O problema é que, ou o professor expõe tudo o que ele acha importante, ou ele não expõe nada e deixa a gente autônomo, seria uma metodologia para a gente conseguir se aperfeiçoar, dar ferramentas que façam com que nós consigamos aprender sozinhos, a ter autonomia de busca e não aquela coisa pronta, o que na vida profissional é importante.

Por exemplo, redes, que é a minha área, existem várias coisas de redes que você pode fazer, e quais são as mais importantes? Qual é a base que eu tenho que ter para conseguir tudo?

Para eu conseguir depois que sair da universidade trabalhar com isso? Então, para mim falta direcionamento maior no IPB, e dentro da UTFPR falta mais liberdade e autonomia, são dois extremos, é tipo esquerda e direita, voltamos à questão do equilíbrio.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Eu acho muito interessante no IPB, pelo menos o que eu vi, eu não tenho certeza, mas, por exemplo, a Riskvector é financiada pelo IPB em questão de empreendedorismo. Riskvector é uma empresa incubada no IPB e que hoje atende estudantes internacionais, oferecendo assessoria para alojamento na cidade de Bragança.

Voltando, você tem várias empresas, aqui no piso de baixo mesmo, que são financiadas pelo IPB para iniciar uma *startup*. Então, acho que o IPB

sempre tenta inovar nesse tipo de situação e, mais ainda, que dentro das teses, muitas vezes elaboradas dentro do Instituto, eles tentam colocar uns trabalhos mais focados a utilizar isso na prática e empreender.

Você pode falar para mim, por exemplo, que sou um cara que está fazendo um dispositivo para agricultura, que é pelo menos a intenção, pretendo oferecer uma base para alguma empresa agrícola.

Então isso já é uma coisa, e você coloca no meio prático as suas idealizações para você tentar expandir com apoio dos professores e do IPB. Dentro da UTFPR, a gente tem o que a gente chama de incubadora, pelo menos na UTFPR Ponta Grossa, que eu posso falar.

A incubadora da UTFPR também é muito interessante, eu e o M* (estudante), inclusive, já participamos juntos de um projeto, que não foi para frente porque o investidor queria coisas mirabolantes. A gente teve ideias; trabalhamos as mesmas, em um sábado, e expusemos o que desenvolvemos para alguns empresários da cidade.

Esses empresários viam se a nossa ideia era interessante ou não, para a UTFPR financiar. E caso eles quisessem, eles poderiam comprar a ideia, utilizando dinheiro do próprio bolso. Nós conseguimos uma coisa parecida com isso na UTFPR, não foi a nossa empresa que ganhou o concurso, porém teve um empresário que se interessou pela ideia que a gente estava expondo.

Mas, mesmo existindo na UTFPR mecanismos para estimular o empreendedorismo, eu acho que, talvez, tenha um incentivo maior aqui no IPB. Aqui se trabalha com a tese, e as teses são mais práticas. Mas acho que as universidades, ambas, estão se adequando a essa situação da mesma maneira. Acho, também, que as teses, os trabalhos de conclusão de curso, são mais direcionados à prática aqui no IPB do que na UTFPR. Tenho professores que fazem coisas voltadas a uma introdução dentro do mercado de trabalho, mas não são tão focados a uma ideia que alguém pede, que um empresário pede.

Aqui já acontece mais isso, tem uma proximidade com empresários que vêm solicitar ao IPB soluções para algum problema, programa, algum projeto, e aí esses empresários investem nos acadêmicos que fazem pesquisa com um professor coordenador, isso acontece muito mais no IPB do que na UTFPR. Se acontece na UTFPR, eu nunca ouvi dizer.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Na UTFPR Ponta Grossa, eles fazem bastante visita técnica, mas a maior parte nos cursos de engenharia. Nós da Computação, como é uma área onde você não tem como ir ver empresas grandes, porque a maioria é americana, nós não temos tanta visita técnica.

Aqui no IPB, eu sei que tem bastante oportunidade de outros cursos também, mas eu nunca fiz, porque, como a gente é do mestrado, acaba por não participar das atividades da licenciatura.

Então não sei como é aqui, mas sei que tem alguns programas, que o próprio IPB oferece carro para ir visitar, para fazer *tour* em empresas, então acredito que acontece, só que eu não tenho conhecimento.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» Eu acho que os docentes da UTFPR, por serem dedicação exclusiva, dão mais apoio para os alunos. Os meus professores muitas vezes passavam do horário de atendimento normal, tanto de classe quanto de per-

manência na universidade, para tirar dúvidas. Tive uma professora, que passou das 11 horas da noite, ficando comigo tirando dúvidas.

Eu acho que, na questão de dedicação ao aluno, a UTFPR se dedica mais. Como aquele exemplo que eu te dei, do meu professor que eu marquei quatro semanas sem sucesso.

Se tivesse interessado, ele poderia ter ajustado um tempinho para mim: “Olha, eu estou aqui no horário de almoço, você consegue responder em 20 minutos?”. Até mesmo porque não era uma dúvida tão extrema, mas que fazia diferença para a aula.

Então, aqui no IPB, eu acho que o mais crítico são as atitudes dos professores, eles não se empenham em ajudar o aluno. Não sei se acontece isso por uma forma de dar preferência aos alunos portugueses ou se realmente acontece no geral.

Eu tive poucos colegas portugueses, eles geralmente andavam junto com os professores, em grupos. Geralmente os alunos portugueses não conversam muito com o pessoal de Erasmus e com o pessoal de dupla diplomação. Infelizmente, não tenho amigos portugueses.

Talvez essa interação com o professor seja mais entre portugueses, não sei se é uma coisa cultural ou se é intencional mesmo, mas eles formam grupos.

Com relação ao conhecimento técnico, no IPB eles conseguem trazer mais conteúdo prático para as aulas e isso é um *plus*. Porém, os professores da UTFPR têm muita bagagem teórica, e a gente consegue aprender muito mais sobre questões que vão ocorrer, problemas diretamente ligados ao código, que às vezes não é tão comum pela leitura, pelo conhecimento anterior, eles conseguem nos mostrar, talvez não consigam mostrar o funcionamento de uma indústria, mas mostram uma cadeia de base que eu acho muito importante no meio acadêmico.

Lógico que, como eu falei, a prática é muito importante, mas quando você tem uma base muito forte, você consegue se livrar de muitos problemas que podem ocorrer na profissão no futuro. Para mim, os dois casos nesse aspecto de conhecimento dos professores são *plus*, tanto o que tem muita teoria, quanto o que tem muita bagagem do mercado de trabalho, os dois têm muito a passar.

No entanto, eu fiz aqui uma matéria que era muito semelhante. Na UTFPR, o professor foi mais ligado à teoria e mostrou algumas coisas que poderiam ocorrer na prática, e aqui o professor mostrou mais como ocorre e isso me deu uma visão geral, mais ampla do que acontece realmente na prática e na teoria. Se aquela linha de raciocínio do professor da prática funcionar, funcionou, mas se acontecer um erro naquela linha de produção, eu tenho conhecimento teórico para pegar e arrumar, então acho que os dois são importantes e um complementa o outro.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de uma universidade tecnológica, a UTFPR. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica.

» Para mim, como o próprio nome já diz, tem mais tecnologia; então eu esperava que tivesse um suporte maior em questões de tecnologia, realmente, como computadores mais potentes, dispositivos na mão quando precisasse, por isso que eu escolhi, ao invés, por exemplo, da UFPR (Universidade Federal do Paraná), que tem de tudo.

E, como meus pais gostam de falar: quando você faz muita coisa, às vezes você não faz bem todas elas, deixa uma sempre a desejar, então eu preferi a UTFPR principalmente por ter visto que tinha quatro estrelas no MEC (Ministério da Educação), e priorizava áreas tecnológicas.

Também priorizava a pontuação dessa universidade, que era muito importante para mim e a localização, quando eu vi que era uma universidade tecnológica, que poderia me dar uma base melhor na área que eu queria seguir, além dos aspectos realmente de educação que são bons. A localização, tudo isso pensado e analisado, foi a minha opção final.

Agora, aqui na Europa, pelo menos no meu campo, a gente não tem tantas opções de universidade. É claro que, se eu visse que o IPB era ruim, não teria escolhido também, mas não é o caso. Apesar de ter apenas uma opção no meu curso, eu sabia que era boa. Então escolhi o IPB, que eu entendia que também funcionava como uma universidade tecnológica.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Eu não acho que a UTFPR seja tão tecnológica assim. Ela está andando a passos longos, mas ainda não se tornou uma universidade tecnológica, como a gente desejaria. É claro, a gente tem que combinar isso à recessão, à crise que o nosso país está sofrendo, mas ainda não justifica.

Agora, aqui no IPB, como eu já disse na entrevista toda, o foco maior é na prática, então você percebe que o IPB é uma instituição tecnológica, a UTFPR não tanto, mas acho que ela está tentando, está no caminho.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Eu gosto muito dos professores que eu tenho dentro da UTFPR, gosto da estrutura dos prédios, porque a gente sabe que existem outras universidades no Brasil que estão caindo aos pedaços. Minha universidade é muito limpa, muito linda, tem uma capela dentro do campus, e é tanto no quesito humano quanto no quesito físico.

No IPB, eu gosto também, por incrível que pareça, da estrutura, a única coisa que eu acho estranho é serem separadas as escolas, mas é muito boa.

Algo que me chama atenção é a diversidade de alunos e professores por causa dos intercâmbios que acontecem aqui. A diversidade cultural e aquisição de conhecimentos dentro e fora da sala de aula, pela influência de outras culturas, no IPB convivemos com gente do mundo todo nos corredores, é incrível.

Então acho que isso é o ponto positivo do IPB, ele traz pessoas de outros países para Bragança. O IPB consegue transformar uma instituição portuguesa em uma instituição mundial, e é isso que me impressiona.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Gostaria de falar sobre o lado humanitário também, eu acho muito importante. Quando você começou a entrevista, achei que a gente fosse discutir um pouquinho mais sobre o lado humanitário.

A UTFPR disponibiliza para alunos alguns especialistas nas áreas de psiquiatria ou psicologia dentro da instituição. Aqui no IPB, dentro da instituição

mesmo, não tem esse tipo de atendimento, principalmente para nós que somos estrangeiros, que estamos em outro país, às vezes falta falar com um profissional, por exemplo um psicólogo, para atender principalmente naquele quesito de saudade que eu comentei com você.

E mais do lado humanitário também, as questões que envolvem política social, eu sou um LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros), e noto que aqui o preconceito dentro da instituição é muito grande. Principalmente vindo dos portugueses, que eu achei que eram mais educados.

Dentro da UTFPR, não acontece tanto isso, e é uma instituição brasileira. A população do Brasil tem uma educação menor por seu nível social. Dentro da universidade, pelo menos tem mais políticas sociais, como grupos que fazem manifestações, como manifestação contra o preconceito com a mulher.

Aqui a gente não vê isso, muito pelo contrário. Então assim, no quesito humanitário a gente tem que tomar muito cuidado, principalmente nós brasileiros que saímos de um lugar muito perigoso, a gente espera uma Europa, e um país de *primeiro mundo*, com um quesito humanitário maior, mas isso é uma coisa que está em falta aqui, infelizmente.



PORTUGAL



ESTUDANTE C

CURSO NA UTFPR, CAMPUS PATO BRANCO:
ENGENHARIA MECÂNICA

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA INDUSTRIAL MECÂNICA

PERÍODO:
MARÇO DE 2018 A MARÇO DE 2019

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
4 DE OUTUBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio no IPB?

» Na verdade, foi assim: eu já realizei um intercâmbio antes, nos Estados Unidos, e eu ia me formar, estava prestes a colar grau, já terminei todas as disciplinas, já fiz TCC1 e 2, já fiz estágio e já estava fazendo estágio de *trainee* na BRF.

Só que eu não estava gostando muito, porque a remuneração não era compatível com o que eu esperava, as oportunidades não estavam tão boas e calhou que apareceu a oportunidade de vir para o IPB, e com isso eu iria me dar um diploma na Europa.

Assim, meu maior incentivo desse intercâmbio é uma diplomação na Europa para eu poder trabalhar aqui. E coincidiu que deu tempo ainda de eu segurar minhas atividades complementares, para não formar no sistema da universidade, participar da seleção e vir.

Eu já estava com o pé fora da universidade e acabei vindo para Portugal, para o IPB. Também tive interesse no intercâmbio porque eu tenho vontade de continuar na academia e chegar ao doutorado para seguir carreira docente. Bom, então não era uma coisa que estava totalmente decidida ou definida, mas juntou as coisas e acabou que deu tudo certo para eu vir.

Agora eu estou com a ideia de voltar para os Estados Unidos. Entrei em contato com o pessoal da universidade de lá, nada certo ainda, mas a princípio pretendo fazer o doutorado lá e talvez aqui, dependendo do que surgir até o final.

Para você, o que é ser intercambista?

» Eu acho que do lado do crescimento pessoal procuramos um intercâmbio como uma maneira de enriquecimento cultural principalmente, além de ser uma forma para aprender outros idiomas.

Acho que se busca muito isso, mas também para sair da sua zona de conforto. Acho que o intercâmbio é uma oportunidade de você tirar tudo que você está acostumado e aprender coisas novas. Tem que se habituar, não tem muita opção quando se está longe de casa.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Não, quando eu morei nos Estados Unidos eu não senti nenhuma dificuldade por estar fora do Brasil, mas aqui em Portugal eu senti mais dificuldade, pela forma como as pessoas tratam a gente.

Por algum motivo, os portugueses têm uma resistência muito grande com os brasileiros. Enquanto a gente nem está falando sobre os portugueses, eles falam muito sobre a gente e falam mal e isso é estranho para mim. Acho que esta foi a única dificuldade que eu tive aqui, fazer amizades com portugueses, as relações em geral com os portugueses, fora do IPB; dentro do IPB eu acho que pelo menos os professores, o pessoal das

direções, são bem tranquilos, agora fora do IPB e até com alguns colegas do IPB, é realmente muito mais difícil.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Sim, um pouco dentro do IPB porque algumas das minhas aulas eram ministradas em inglês, porque, como tem muitos alunos internacionais, nem todos falam português.

Mas a gente também acaba usando muito o inglês fora do IPB, principalmente por causa do pessoal de Erasmus. Para mim é tranquilo porque eu já falo inglês tranquilo, mas para quem não fala eu acho que ajuda muito a estimular e buscar aprender.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional *versus* metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» É um pouco difícil comparar, mas eu acho que na UTFPR, como eu já fiz todas as matérias, posso dizer que a maioria delas faz uso desta metodologia tradicional. É o professor falando, dando aula normalmente, os alunos ouvindo, sem nada muito diferente. Tinha algum professor meu que levava a campo, que teoricamente não precisaria, ele fazia algo a mais e era bom, mas era muito pouco.

Aqui no IPB eu só fiz duas disciplinas. Por acaso, um dos meus professores usava uma metodologia diferente. Não era nem em termos de tecnologia, mas era assim: uma aula ele fazia todo mundo sentar-se ao redor e era um assunto novo sobre o qual ele não tinha explicado nada.

Então ele jogava perguntas que a gente tinha que discutir entre nós e depois voltar para ele, e ele só respondia sim ou não sobre aquilo que a gente levantava.

Aí, em cima disso, tinha que fazer um trabalhinho para a próxima aula e na próxima aula é que ia ter o conteúdo sobre aquilo que já tinha sido discutido. Eu achei bem interessante. Se o professor conseguir fazer com que os alunos participem bastante, é interessante. Não acontecia tão bem nessa disciplina, mas eu achei uma alternativa boa, mais moderna, faz com que a gente busque o conhecimento e fique atento à aula.

Ele fez isso com todos os tópicos. Talvez, se ele tivesse feito com alguns tópicos específicos, teria funcionado melhor do que com todos. Mas foi a maior diferença que eu vi, nesse sentido de metodologia. Só que eu não fiz muitas disciplinas, a outra que eu fiz era normal, professor explicando, acho que fomos uma vez no laboratório. Por acaso, essa matéria que era mecânica dos fluidos, eu já tinha feito no Brasil e fui mais vezes no laboratório lá do que aqui no IPB.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Eu acho que nas duas eu percebi, só que no mesmo sentido; não é uma proposta da instituição, algo que todos os professores façam. Alguns professores meus tiveram essa iniciativa. Eu tive um professor lá

na UTFPR que atuava como engenheiro fora da faculdade, e em algum momento ele trouxe para a disciplina um problema que ele realmente precisava resolver. Ele tinha um cliente pagando e trazia o problema para nós apresentarmos uma solução.

Visitas técnicas também tinham, mas era muito individual, tanto que, se no próximo semestre outro professor deu a mesma disciplina, acabou. Não era uma proposta da disciplina, era do professor, uma opção dos professores de levar ou não os alunos.

Fora isso, é tudo padrão na UTFPR, nada é muito diferente, alguns professores dão aquele a mais. Aqui no IPB, pelo que eu vi é no mesmo sentido, alguns professores tentam puxar mais, enquanto outros fazem só o *feijão com arroz*, bem básico.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Eu achei que não. É que eu fiz poucas matérias aqui no IPB e talvez seja difícil julgar a instituição, mas eu não senti tanta diferença assim do professor focar o conhecimento ou o aprendizado mais no aluno.

Tanto que, para ressaltar, nos Estados Unidos era muito diferente em termos da metodologia, lá eles têm um sistema de tarefas semanais, então em todas as disciplinas que eu fazia semanalmente eu tinha que entregar alguma coisa. Normalmente, era assim: eu te ensinei cálculo hoje, semana que vem tem um trabalho de cálculo.

Só que a diferença maior é assim: no Brasil a gente tem listas para caramba, mas as listas dos Estados Unidos valiam muita nota, então se você não fizesse, você se dava mal, e se você fizesse, você tinha muita facilidade em termos de nota.

Então nos Estados Unidos eu fazia todas as listas e, quando chegava no final, eu não tinha que me matar estudando para prova, porque já estava tudo estudado, só precisava revisar. Eu percebi que lá o conhecimento estava centrado no aluno, mas eu não percebo isso nem na UTFPR, nem no IPB.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» No Brasil, na parte das engenharias a gente tem muitos estímulos a desenvolver projetos dentro da faculdade, só que tem muito bloqueio dentro da UTFPR, principalmente financeiro. Até se você, por exemplo, achar alguém que patrocine sua ideia ou projeto, não dá para patrocinar direto, tem que passar por toda uma burocracia.

Eu participei de um projeto no Brasil do qual os patrocinadores desistiram, porque eles estavam dispostos a dar o dinheiro, só não estavam dispostos a passar por toda a burocracia e principalmente perder tempo com isso.

No Brasil, talvez não especificamente empreendedorismo, mas há projetos extracurriculares de maneira geral. Acho que tem muito lá, e eu percebi que tem bastante aqui no IPB também. Inclusive, aqui eu notei que tem muito mais empresas dentro da faculdade, tanto que no meu tema de pesquisa, o que eu estou trabalhando, a gente foi conhecer uma

empresa real e eles nos passaram um problema real, e a gente está trabalhando em cima daquele problema para resolver.

Então a minha tese de mestrado é um problema real dentro de uma empresa. Isso eu não percebo dentro da UTFPR. Talvez, por esse tipo de bloqueio, seja difícil para as empresas acessarem as universidades no Brasil, e aqui o entrosamento com as empresas é maior.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Eu percebi que tem mais [estímulo] aqui no IPB, acho que os professores têm muito contato com empresas fora. No Brasil, até tem também, só que lá tem burocracia para tudo, para visita, para financiamento... Você pode até ter o contato, mas você não consegue.

Aqui, até acho que o estímulo é muito maior, vejo que todos se envolvem, que vale a pena para eles. Para nós que viemos do Brasil estudar aqui de graça, e ainda participar de projetos que estão sendo financiados por empresas europeias, é fantástico. Na UTFPR isto ainda não tem.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» Eu acho que a diferença mais marcante, para mim, é o currículo dos professores, mas acho que é uma questão mais de Europa. Aqui no IPB, meus professores estudaram em locais muito aleatórios, enquanto no Brasil a formação é só no próprio país.

Se tem algum professor que estudou fora é muito estrelinha, diferenciado; às vezes a gente nem tem acesso e aqui é totalmente comum. E todos os meus professores falam inglês, não era minha realidade na UTFPR.

Agora, em termos de docência mesmo, talvez os professores daqui sejam um pouco mais didáticos, mas os meus professores do Brasil tinham muito mais conhecimento, muito mais.

Inclusive, a universidade no Brasil é muito mais difícil do que aqui, porque eu tenho professores melhores, tenho professores muito bons lá, só que eles cobram demais, e aqui não, aqui é muito fácil.

Eu fui o melhor aluno das duas disciplinas que eu fiz e eu não estudei nada, inclusive fiz uma prova que eu não sabia que tinha e eu tive a maior nota da sala. A cobrança aqui é muito diferente, é muito menor. Fora que, se você não for bem nas provas, depois tem o recurso e o recurso do recurso, então acaba que você vem desde o começo empurrando gente que não está preparada.

E como as minhas matérias são do mestrado, você tem que ter um conhecimento de outras matérias já. No Brasil, para eu poder fazer as matérias que eu faço aqui, é preciso ter feito cinco matérias antes, aqui eles terão feito uma ou duas para a mesma matéria. Por causa do Tratado de Bolonha, eles fazem muito menos disciplinas e eles vêm se arrastando nessas disciplinas, enquanto no Brasil os professores estão *descendo a lenha* nos alunos desde o primeiro ano. Inclusive, a UTFPR é muito mais difícil que o IPB e é muito mais difícil que a minha faculdade nos Estados Unidos, muito mais difícil.

A faculdade em que estudei nos Estados Unidos era tão tranquila quanto o IPB, tinha uma metodologia que eu acho melhor, mas em termos de estudar muito, não era preciso. Na UTFPR, eu tinha que estudar muito mais. Não sei até que ponto que isso é melhor, né? Penso que tem algo errado com o Brasil.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de uma universidade tecnológica, a UTFPR. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica.

» Acho que ela não se encaixa nesta concepção [de Universidade Tecnológica]. O meu campus lá no Brasil está produzindo muita mão de obra que está sendo desperdiçada, porque a gente só produz engenheiros em uma região que não demanda tanta engenharia e o pessoal fica por ali.

Tanto que foi por isso que eu quis vir para fora, porque eu acho que a região de Pato Branco não se moldou por ter uma universidade tecnológica, não cresceu, não tem muitas indústrias, vejo que a Universidade não teve impacto na região.

No caso do IPB, eu vejo que ele molda muito a região de Bragança. Por exemplo, o pessoal que se forma aqui fica aqui, e o IPB influencia muito toda a região Norte de Portugal, enquanto a UTFPR em Pato Branco, não.

O pessoal só vai para a UTFPR quando não sobrou mais nada, tentou sair da cidade, não conseguiu, fica na UTFPR. Mesmo que agora com o Enem tenha vindo muita gente de fora, ainda existe aquela tradição do antigo CEFET, que era o pessoal dali mesmo que ficou na cidade. Eu também não acho que tenha algum diferencial do aluno formado na UTFPR.

Eu vejo assim: no campus Curitiba da UTFPR tem Engenharia Mecânica que é muito bem-conceituada, é mais conceituada que a Federal do Paraná, mas é só isso, fora isso eu não vejo diferencial.

Não vejo vantagem em ser formado pela UTFPR ou ser formado pela Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) de Cascavel, por exemplo, que é na mesma região. Eu mesmo escolhi a UTFPR por acaso, a universidade que eu queria mesmo não dava acesso pelo Enem, e como eu fiz Enem, eu me inscrevi na UTFPR. Foi mais ideia da minha mãe, porque, como ela é da região, sugeriu para eu ficar perto de casa, e pelo nome que o CEFET tinha. Então, realmente não foi pelo pré-conceito de universidade tecnológica, e eu tinha um pré-conceito negativo.

Mas não queria ir para a UTFPR justamente por ser da minha região. No decorrer do curso eu mudei um pouco, não vejo a UTFPR como ruim, comparada com outras universidades brasileiras, porque eu conheço gente de outras federais, mas a UTFPR nunca foi meu sonho.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Pensando naquele conceito de foco no aluno, acho que uma vantagem é a acessibilidade que a UTFPR tem por ter vários campi, o que facilita para pessoas mais carentes, principalmente, por ter campi em cidades pequenas.

Outra vantagem é que, como os campi têm majoritariamente cursos técnicos e poucos de humanas, isso molda o ambiente. Também, a grande quantidade de projetos dentro da UTFPR, desde empresas juniores, mas também iniciação científica, e mobilidade como a do IPB, que eu não sei comparar com outras públicas, mas que com certeza é muito maior do que em particulares.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Para mim são esses acordos que a UTFPR tem com o IPB, por exemplo, e além do IPB vários outros, muitos outros tipos de acordos, não só com universidades internacionais, mas acordos e projetos até dentro da faculdade. Porque eu conheço gente de faculdades particulares, por exemplo, que não tem nada disso, nem acordos para projetos internacionais, nem acordos para projetos internos.

A UTFPR promove uma vida acadêmica para os alunos, todo mundo que está na UTFPR em Pato Branco vive a faculdade intensamente, não vai só para a aula como é em muita faculdade particular.

Com isso, claro, surgem oportunidades como esta de vir para o IPB e coisas do tipo. Aqui no IPB, eu achei que eles têm muitos laboratórios, mas isso em comparação com a UTFPR; não consigo comparar com outras universidades de Portugal. Mas achei que a estrutura dos laboratórios para Engenharia Mecânica é bem boa, dá para ver que tem muito dinheiro investido.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Acho que não, nada relevante. Portugal, e até mesmo o IPB, não me surpreenderam muito. Acho que é porque eu já tinha tido uma experiência diferente e, comparando com os Estados Unidos, a faculdade lá era melhor, falando de estrutura, de organização, de tudo. A Universidade do Colorado é uma universidade ranqueada dentro dos Estados Unidos, então ela é uma universidade bem boa.



PORTUGAL



ESTUDANTE D

CURSO NA UTFPR, CAMPUS PONTA GROSSA:
ENGENHARIA QUÍMICA

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA QUÍMICA

PERÍODO:
OUTUBRO DE 2017 A OUTUBRO DE 2018

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
19 DE SETEMBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio no IPB?

» O IPB não foi o motivo principal para eu vir aqui; o motivo principal foi Portugal, mais especificamente, o mestrado foi o motivo principal, porque eu já tinha feito um intercâmbio antes. Eu fiz Ciências sem Fronteiras, fui para os Estados Unidos e fiquei um ano e meio; então eu já tinha conhecimento de como é morar fora, como é essa vida *abroad*, é super diferente.

Vindo para Portugal, eu poderia conhecer mais um continente, e pelo fato de ser mestrado. Então acho que não foi pelo Instituto, eu não conhecia o Instituto antes, fui conhecer pelo mestrado e pela dupla diplomação.

Para você, o que é ser intercambista?

» Eu gosto muito de viajar, para começar. Gosto muito de conhecer pessoas novas e culturas novas. Então para mim isso, acho que foi dos pontos principais. Eu não sabia se iria para a área industrial ou para o mestrado, para onde que eu vou?

Então, já que eu tinha todos os pré-requisitos para vir para Portugal, eu falei: por que não? Então eu vim fazer o mestrado, e aí, depois, quem sabe eu tento ir para a área industrial, e com isso eu posso ver qual das áreas eu prefiro.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» No meu primeiro intercâmbio eu não senti nada, nada, não tive nenhuma dificuldade. Nos Estados Unidos, seis meses estudei inglês e um ano eu estudei engenharia; então essa barreira da língua eu quebrei lá, acho que foi a parte mais difícil nos Estados Unidos.

Aqui em Portugal, como não tive essa barreira do idioma, eu tive mais dificuldade na questão pessoal em relação à saudade da minha família, porque aqui eu já estou muito mais madura, eu já estou pensando no futuro profissional, e lá nos Estados Unidos eu estava no quarto período da faculdade, imagina, então era tudo muito novo, eu não tinha tanta saudade da minha família. Eu queria apenas viver e aproveitar, e aqui não tive isso, e acho que tudo tem um peso muito maior para a minha vida. Também tinha o fato de que lá nos Estados Unidos eu sabia que acabaria e eu iria embora, e aqui existe a possibilidade de eu ficar, eu tenho a oportunidade de ficar, então pesa muito mais, mais responsabilidade. Foi bem diferente um intercâmbio do outro, totalmente. Porque Portugal tem a cultura muito parecida com a do Brasil.

Comparando o nível de dificuldade de matérias, do Instituto com a UTFPR, vi que a gente vem preparado para o mundo, assim como nos Estados Unidos também. Aqui eu tive muita facilidade nas matérias. Mecânica dos Fluidos é uma matéria difícil e foi muito mais tranquila em Portugal e nos Estados Unidos do que em relação ao Brasil.

Claro que essa é a minha opinião. Mas em relação ao mestrado, a parte da dissertação, eu não sei como seria lá, porque eu não comecei a fazer o meu TCC lá na UTFPR, então não tenho como comparar essa parte, mas aqui eu tive um trabalho bem pesado também. Em relação ao que eu posso comparar, que são as matérias, lá na UTFPR eu achei muito mais difícil.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Com portugueses não, mas teve alguns momentos; por exemplo, eu morei até dois meses atrás em um apartamento da empresa Riskvector, que só tinha pessoal de fora, muita gente do leste europeu, e eu precisei falar inglês em casa, era obrigatório.

Outra questão é que, em Engenharia Química, o mestrado é em inglês, então o professor lecionava em inglês e nas aulas era obrigatório falar inglês para que estas pessoas pudessem entender. Mas isso [o inglês], já era um dos pré-requisitos para fazer a dupla diplomação.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional *versus* metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» Eu acho que as duas são tradicionais. Pelo menos o que eu vi, os mesmos princípios que os professores têm aqui, têm lá na UTFPR. O jeito de dar aula eu achei muito igual, o professor explicando e os alunos prestando atenção e fazendo anotações, provas também, exames da mesma forma que lá tem.

Acho que a quantidade de conteúdo e provas é diferente, aqui no IPB tem mais exames, você tem mais oportunidade de conseguir boas notas, e se você foi mal durante o período, tem a final e depois tem mais uma prova. Lá na UTFPR, é um pouco mais restrito isso e com menos chances.

Mas os métodos das aulas eu achei bem parecido. Não tive projetos, era tudo aula normal e no final uma avaliação. Teve uma disciplina que era laboratorial, mas era da mesma forma que foi na UTFPR, o professor explicava o que fazer, e os alunos faziam os experimentos e, em seguida, faziam uma apresentação, a mesma coisa que acontecia no Brasil, em aulas laboratoriais.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Não, nas duas universidades não. Sentia muita falta disso, porque eu tenho uma terceira universidade para comparar que é a americana, uma das universidades estaduais de Nova Iorque, que ficava aproximadamente a uma hora de Nova Iorque.

Era o curso de Engenharia Química também, mas, por exemplo, eu fiz Mecânica dos Fluidos, que era uma matéria difícil, e a professora, para explicar as dimensões do que a gente tinha que fazer, levou um cubo gigante na sala, teve uma explicação mais prática sobre uma tubulação que podia ter em uma indústria, isso fez muita diferença no aprendizado.

Então eu senti isso mais lá nos Estados Unidos do que no IPB e na UTFPR. Claro que sempre tem exceções, eu tinha uma professora de Transferência de Calor que dava explicações e então aquilo ficava muito mais visível, lá no Brasil, na UTFPR, mas havia alguns professores que

tinham vivência de indústria, a gente sabia que tinham, mas que não levavam esta experiência para gente.

Eu acho que a UTFPR é muito teórica, eu sinto muita falta dessa parte; acho que nós saímos de lá muito fracos em questões de prática e aqui no IPB também. A UTFPR eu acho uma excelente universidade, mas falta muito trazer a realidade do mercado, das indústrias, para dentro da sala de aula.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Eu não senti isso em nenhuma das aulas. O conhecimento ainda está centrado no professor.

Eu não tive nenhuma dificuldade, digamos, em mudança de ambiente em relação à aula, porque eu achei muito igual, o professor explicando e nós alunos fazendo anotações, a mesma coisa que acontecia nas aulas da UTFPR.

Mas tenho a impressão de que, se fosse assim, se eu chegasse em um ambiente e o professor falasse corra atrás, nos desse autonomia para aprendermos sozinhos, eu sentiria dificuldade, é uma quebra de paradigma e não é fácil. Mas ao mesmo tempo, acho que eu iria aprender muito mais.

Pensando em matérias em que os professores não conseguissem transmitir o conhecimento e a informação para mim, ou que eu não tivesse entendido muito bem e eu teria obrigatoriamente que correr atrás, com isso acabaria aprendendo muito mais, só que é muito mais difícil, você gasta

muito tempo, porque o professor explicando na sala já é uma matéria resumida, já está tudo mastigado e, quando você vai procurar, requer muito tempo e na UTFPR você tem dez matérias, então é um pouco complicado. Mas acho que não aconteceu isso aqui no IPB e muito menos na UTFPR.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Na UTFPR tem o Hotel Tecnológico, tenho umas amigas que estão fazendo já, um projeto de sabonete, não sei se você já ouviu falar. Eu vi que tem o Hotel, mas eu nunca tive esse espírito empreendedor, nunca corri atrás, mas eu sei que lá na UTFPR tem e acho muito incrível isso, principalmente, para quem tem ideias e tem o perfil. Agora, aqui no IPB eu não vi.

Eu fiz quatro matérias só, e nenhum professor falou nada sobre inovação e empreendedorismo. Lá na UTFPR, eu vi que tinha esse estímulo, foi uma matéria optativa que eu peguei e tinha o professor que era muito empreendedor e bem *para a frente* em relação a isso. Aqui, talvez por eu não ter pego nenhuma matéria relacionada, mas assim, em matérias normais, não teve isso não.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Não. Sentia muita falta disso também, até porque a gente sai *cru* e na hora de procurar estágio ou até emprego, você não tem experiência prática nenhuma. Por exemplo, eu vou comparar com uma pessoa que es-

tuda na PUC (Pontifícia Universidade Católica) e faz Engenharia Química meio período, faz as aulas no período da tarde, ele pode trabalhar de manhã ou de noite desde o segundo ano.

Assim, a pessoa já sai da faculdade com a oportunidade de ter realizado um estágio, sai muito na frente, embora na minha cabeça a UTFPR seja ainda muito melhor em questões de ensino. Mas o aluno da PUC tem a oportunidade de vivenciar, então ele sai na frente. Nós da UTFPR não temos tempo para isso, porque o curso é integral e a gente só faz o estágio no final.

O contato com o mercado de trabalho é só no final e é muito difícil, porque, quando você vai concorrer a uma vaga de estágio, eles já querem saber a experiência que você tem naquela área; fica mais difícil ainda porque você não teve esse tempo.

O contato que temos fica limitado às visitas técnicas, que temos bastante na semana acadêmica da UTFPR. Aqui no IPB eu nunca fui, mas sei que tem. Eu sei dos alunos de Engenharia Civil, que o professor levou para conhecerem umas construções numa determinada matéria.

Mas em Engenharia Química, eu, pelo menos, não tive essa oportunidade. Também a diferença é que Bragança não tem aquela área industrial igual Ponta Grossa tem.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» Comparando com os professores que eu tive aqui, eu achei que os professores da UTFPR são bem mais preparados. Eles têm o mesmo perfil – como eu já te falei –, o mesmo método de dar aula; entretanto, eu acho que, em questão de conhecimento, os professores da UTFPR são mais preparados, têm mais didática.

Mais preparados em conhecimento, teoria, na hora de dar aula mesmo, porque o currículo eu sinceramente não fui pesquisar para fazer essa comparação, mas assim, na hora de dar aula parece que na UTFPR eles expõem melhor o conhecimento, no meu ponto de vista. Embora aquilo seja muito teórico, como eu falei para você, fica só na sala de aula.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de uma universidade tecnológica, a UTFPR. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica.

» Assim, eu sou de Paranaguá e sempre soube que havia o CEFET. Minha mãe sempre quis que eu fizesse o ensino médio no CEFET, porque ela já achava aquilo incrível por ter muito nome. E eu sempre fui das exatas, então minha mãe sabia que desde pequena eu tinha aquele lado para engenharia. Aí eu fiz o teste seletivo na sétima série e passei, mas não podia entrar porque ainda faltava um ano.

No ano seguinte quando eu fiz novamente eu não consegui passar, fiquei frustrada e acabei indo para Curitiba para fazer o terceiro e com a ideia de passar na federal. A ideia era passar em Engenharia Química na UFPR e eu não tinha pensado na UTFPR porque era em Ponta Grossa.

Mas, pelo fato de a minha mãe desde sempre querer que eu estudasse na UTFPR, antigo CEFET, eu acabei me inscrevendo e passando na UTFPR em Ponta Grossa. Desde sempre, a UTFPR, antes CEFET, já tinha

muito nome na minha família, como uma referência em ensino de qualidade. Mas sem qualquer relação em ser universidade tecnológica.

Na minha concepção, acho que na universidade tecnológica eles dão mais importância para a área de engenharias; no meu ponto de vista, seria melhor do que em uma universidade que não seja tecnológica. Mas, quando vim estudar aqui, eu não associei o nome universidade tecnológica a uma universidade que é voltada para as áreas de engenharia e tecnologia.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Não tem. Deveria, né, e seria super interessante que existisse algum diferencial. Eu acho que iria me apaixonar muito mais pela UTFPR se ela tivesse mais características de universidade tecnológica, mas não é. O IPB acho que tem mais tecnologia nos laboratórios.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» A UTFPR me deu muitas oportunidades; pense que se eu tivesse estudado em outras universidades, talvez eu não tivesse tido as mesmas oportunidades que eu tive lá, de estudar fora. Eu fiz duas iniciações científicas, participei do PET (Programa de Educação Tutorial), do DCE, participei de trabalho voluntário, fiz inglês, Libras, joguei handebol pela UTFPR, fiz dois intercâmbios, eu aproveitei muito a universidade.

Então, mesmo com aquele sacrifício de ter que estudar muito para fazer tudo o que eu queria, juntar tudo isso, os amigos, a família e a faculdade, tem muita oportunidade lá dentro.

Acho que só não faz quem não quer, tem empresa júnior que eu não participei, tem muita coisa. E aqui no IPB eu não sei se tem, na verdade. Como estou no mestrado, eu já não estou tão integrada ou interessada quanto quando estava na UTFPR, porque lá tinha muita coisa, muita atividade para participar e engrandecer nossos currículos, embora não tenha essa parte prática e, o curso sendo integral, não possamos trabalhar e fazer estágio desde o primeiro ano, temos outras atividades que são, também, muito importantes para o nosso desenvolvimento.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Acho que não, mas se eu pensar em alguma coisa, mando por e-mail.



PORTUGAL



ESTUDANTE E

CURSO NA UTFPR, CAMPUS PONTA GROSSA:
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

CURSO NO IPB:
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

PERÍODO:
OUTUBRO DE 2017 A OUTUBRO DE 2018

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
18 DE SETEMBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio no IPB?

» Primeiramente, surgiu a oportunidade de vir para o IPB para ter uma dupla diplomação. Portanto, a ideia era vir aqui fazer o TCC ou o trabalho de mestrado, e no final teríamos o diploma europeu e o diploma da UTFPR; essa foi a principal motivação: a dupla diplomação.

O acordo com o IPB é novo, então até o momento é a única opção que nós temos; ouvi dizer que há planos para outras universidades, mas para o meu curso existia apenas a possibilidade de vir para esta Universidade.

Para você, o que é ser intercambista?

» Eu imagino que seja fazer um estudo fora da universidade de origem. Acredito que isso exija estudar fora do país.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Eu não senti muita dificuldade, principalmente pelo fato de o meu pai ser militar e eu já estar acostumado a fazer mudanças de uma cidade para outra. Então, para mim não foi uma experiência tão nova assim mudar de cidade, ficar longe da minha família e dos meus amigos.

A comida portuguesa acredito que seja semelhante, a língua é semelhante, então, como já fazia quatro anos que eu morava longe da minha família, não foi uma grande surpresa, não acho que tive dificuldades.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Eu comecei a morar pela empresa que está alocada aqui no IPB, que é a Riskvector. Nesta casa, eu morei com três pessoas da Polônia, então dentro de casa a comunicação era sempre em inglês.

Além disso, tive algumas aulas também - na verdade todas as aulas que eu tive, todas as seis disciplinas eram lecionadas em inglês, porque havia alunos de outros países, da Polônia, da Romênia, claro, de Portugal, mas, por conta desses alunos de outros países, as aulas eram lecionadas em inglês. Mas eu já sabia disso antes de vir para cá.

Nós fomos informados, foi praticamente uma exigência vir para cá sabendo inglês, porque as aulas e os materiais seriam em inglês. Alguns materiais os professores davam em português para nós, mas na sua grande maioria eram em inglês.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional versus metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» É, claramente no Brasil a grande maioria é metodologia tradicional. Aqui no IPB, eu tive aulas que seriam metodologia tradicional, mas eu tive matérias que seriam metodologia ativa. Posso citar uma matéria que seguiu à risca a metodologia ativa, que foi uma matéria de Desenvolvimento de Aplicações Multimídia.

Praticamente o professor, no primeiro dia de aula, deu um projeto gigante para ser feito ao longo do semestre, e durante as aulas ele passava o conteúdo rápido de 30 minutos, e o resto a gente precisava fazer a nossa pesquisa para fazer o nosso projeto aparecer.

Então, acho que das seis matérias eu acredito que duas tenham sido bem diferentes: a de Empreendedorismo, em que precisávamos fazer muita coisa em casa, o professor só passava algumas dicas nas aulas, e essa de Desenvolvimento de Aplicações Multimídia.

E teve também outra disciplina, que foi Segurança de Sistemas, que foi meio a meio. O professor mesclava. Na metade do semestre, 50% do período de aula foi o professor passando conteúdo e, no final do semestre, o restante do tempo nós desenvolvemos o trabalho que ele havia passado; então juntou toda aquela carga teórica que ele havia passado no início para ser desenvolvido um projeto no final.

E, lá na UTFPR, na sua totalidade foi tradicional, eu não lembro de nenhuma disciplina que exigiu um esforço muito grande em casa para levantar conhecimento, com projetos para poder aplicar, ou um trabalho grande que deveria ser feito no semestre todo.

Mas assim, eu aprendi muito mais no método mesclado, que tinha um pouco do tradicional e um pouco do ativo, pois a matéria de Segurança, por exemplo, é uma matéria que trabalha com conteúdo de computadores, são conteúdos que estão sempre atualizando, então se você não tiver a orientação de um professor, que está ativamente fazendo pesquisa em cima disso, se você for estudar em casa, você vai pegar materiais totalmente desatualizados.

Nós estávamos estudando uma vulnerabilidade que tinha no computador e que havia sido descoberta há menos de um ano, então é muito

bom nós termos um professor passando conhecimento e sendo um guia para os alunos. Aí, no final, a gente aplicou os conhecimentos que ele havia passado; então, acho que essa parte mesclada foi o ideal. É porque muitas vezes você não sabe o que pesquisar e onde pesquisar, então, mesclando, a gente tem um pouquinho dos dois.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» No IPB, no meu curso Ciência da Computação, nós trabalhamos muito com a parte teórica. Por exemplo, na disciplina de Desenvolvimento de Aplicações de Multimídia, nos foi sugerido seis temas e cada um desses seis temas foram pedidos de amigos dos professores que trabalham em empresas.

Então, na sala de aula a gente estava desenvolvendo trabalhos que teoricamente seriam aplicados em um cenário real, que haviam sido pedidos por outras pessoas, no mercado de trabalho. E na UTFPR, na sua totalidade, foi apenas teórica.

Eu lembro de uma disciplina de Banco de Dados em que a professora falava: “[...] imagina que você precisa armazenar informações de uma empresa que vende livros”.

Depois disso, ela dava para gente um documento explicando vários cenários que podiam acontecer, como: a pessoa faz a compra e quer de-

volver daqui um mês, o seu sistema precisa armazenar esse tipo de informação, e era teórico. Era um exemplo que acontece no mundo real, mas não foi pedido de ninguém, foi algo teorizado.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Eu já trabalhei como aluno monitor na UTFPR, que é um aluno que possui uma carga horária semanal disponibilizada para o atendimento de outros estudantes.

Mas vinham pouquíssimos alunos para tirar as dúvidas, na grande maioria das vezes vinham só um dia antes da prova, então não dava tempo de atender todo mundo, e isso eu senti que é um problema bem forte na UTFPR: os alunos sempre absorvem apenas o conteúdo que o professor passa, se cai alguma coisa na prova que o professor comentou superficialmente na sala de aula, os alunos reclamam com o professor.

Aqui no IPB, na disciplina de Segurança, que, como eu falei, é um conteúdo absurdamente gigante que está sendo atualizado todo o tempo, a gente precisou pesquisar muito em casa, o professor já nos orientava para isso.

Na disciplina de Aplicações em Multimídia, eu usei muito conhecimento que eu tinha adquirido antes de entrar na universidade e que não havia sido lecionado na universidade, então eu posso considerar que foi coisa que eu estudei por fora e a diferença foi bem notada.

Aconteceu bastante de eu sair do IPB às três da manhã porque eu estava com vários outros alunos discutindo projeto, então respondendo à sua pergunta eu acredito que sim, o foco da aprendizagem aqui no IPB está no aluno, diferente da UTFPR.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Na UTFPR, eu percebi que ela ocorre quando eles incentivam a participar do Hotel Tecnológico, então se acontece de você ter um grupo de alunos que precisam de algum ambiente para trabalhar, a UTFPR disponibiliza um espaço. Eu não tenho certeza como é o procedimento para conseguir esse espaço, mas eu sei que os alunos conseguem ter acesso a algumas salas, alguns escritórios e alguns profissionais da área que ajudam os alunos que querem iniciar uma empresa.

A grande diferença que eu senti aqui no IPB foi no trabalho de conclusão de curso. Eu tenho um amigo que está fazendo um trabalho desenvolvendo um programa e esse programa vai fazer uma análise de um montante de dados e vai gerar uma lista de alunos que tem grandes chances de desistir da matéria, de desistir do curso baseado em históricos. Essa ferramenta que ele desenvolveu vai ficar com os professores daqui do IPB.

Eu ouvi dizer também que o sistema de senhas que existe aqui, que você passa o cartãozinho para registrar presença nas aulas e para pagar a cantina e o xerox, foi desenvolvido por alunos também. Vejo que aqui no IPB eles dão um apoio gigantesco para alunos desenvolverem produtos que podem ou não ficar para a instituição, são desen-

volvidos para empresas que buscam professores e alunos do IPB para resolver problemas.

É muito bom saber que no Instituto, até mesmo o trabalho de conclusão de curso, que era para ser algo só para você se formar, é totalmente aplicado em empresas aqui. Essas aplicações dos conhecimentos que temos, eu acho bem estimulante, e é uma coisa que falta na UTFPR.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Tanto no IPB quanto na UTFPR, pelo menos a minha experiência, senti que foi igual: não teve tanto contato com empresas de fora. Na UTFPR, o meu curso não tem uma empresa júnior, pelo menos até onde eu sei. Em 2017, quando saí da universidade, não havia.

A ideia inicial do meu TCC estava ligada a um modelo matemático que não está tão completo e aí nós resolvemos trabalhar em cima desse modelo, aplicar ele pela primeira vez em um estudo de caso real, mas o levantamento de dados em cima desse estudo de caso foi feito por ferramentas da internet, então não tive contato direto com uma empresa.

É um modelo que precisa ser melhorado antes de ser aplicado em um cenário real. Sobre visitas técnicas, não que eu me lembre agora, eu ouvi dizer que os cursos de engenharia fazem bastante visita técnica na UTFPR. Aqui no IPB, eu não sei, porque eu não tenho tantos amigos de engenharia, só amigos brasileiros, mas que vieram pelo mesmo motivo, estão mais focados no trabalho do mestrado.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» Eu sinto muita falta dos professores da UTFPR, pelo menos os de Ciência da Computação. Me pareceu que eles ajudam muito mais, são mais prestativos e aqui no IPB é muito difícil encontrar os professores para conseguir ajuda. Já aconteceu duas vezes de eu marcar reunião com o mesmo professor e ele não aparecer na reunião, eu fiquei esperando por uma hora e ele não chegou. Eu senti uma dificuldade bem grande de me aproximar dos professores, acho que pode ser perfil do europeu, não sei.

Aqui no IPB, os escritórios dos professores ficam no piso superior e as aulas que eu tenho são no piso inferior, então nós não vemos os professores passando, e na UTFPR, os professores sempre passam pelas salas que a gente tem aula para chegar ao Departamento.

Com isso, a gente consegue saber aonde o professor está indo, às vezes a gente tem uma conversa casual ali, então há mais proximidade do aluno. Portanto, o acesso ao professor eu achei muito melhor na UTFPR do que aqui. Na UTFPR, eu tive professores que focaram muito na parte teórica, outros que tiveram uma experiência muito grande no mercado, mas acabaram continuando a carreira na parte acadêmica, então eu senti que nessa parte foi igual entre a UTFPR e o IPB.

Em uma parte do campo de trabalho de Ciência da Computação, uma das ramificações é a parte de programação, então um professor que já teve experiência no mercado de programação saberá guiar melhor o aluno: “Olha, esse assunto é importante, mas você nunca vai programar isso porque milhões de pessoas já fizeram isso então agora é só você pegar o que foi feito e usar”, então se você não tem um professor com experiência nisso,

ele não vai saber te guiar e vai fazer você estudar um conteúdo, dar foco em um conteúdo que não vai ser necessário.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de uma universidade tecnológica, a UTFPR. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica.

» Eu imaginei que a parte de ser tecnológica era porque focava bastante em cursos de tecnologia, que seria o caso de Informática ou de Engenharia Mecânica, por exemplo, que são cursos que precisam de equipamentos, equipamentos modernos e então era essa a ideia inicial que eu tinha.

Mas falando de equipamentos, eu sinto que a UTFPR é muito carente em equipamentos e falha na disponibilização do uso destes equipamentos para os alunos.

Aqui, eu tenho amigos que fazem trabalhos com robótica, e que perguntaram para o professor se era possível comprar alguns equipamentos e o professor falou sim, e, na semana seguinte, estava aqui na universidade. Um dos meus amigos está fazendo trabalho com *Arduino* e *Raspberry*, que são duas placas de programa que você pode programar em cima dela, têm um custo em cima e a professora comprou com o dinheiro do IPB, e isso muito rápido.

Lá na UTFPR, quando eu estava fazendo meu trabalho de iniciação científica, o meu orientador teve que dar dinheiro dele para conseguir um equi-

pamento de 400 reais, então eu sinto falta de apoio da instituição em conseguir financiamento para trabalhos de TCC dos alunos. Aqui, eu senti que isso é bem mais presente, eles querem investir na gente. Talvez pelo fato de o IPB ser pago. Tem anuidade, os alunos precisam pagar, tem mais receita disponível.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Creio que a maior diferença entre o IPB e a UTFPR é que o IPB parece ter maior suporte financeiro para os alunos. Quando estava fazendo iniciação científica, foi bastante demorado conseguir equipamentos para fazer um pequeno robô de controle remoto.

Fazer cursos para os alunos também dificulta, pois não há, por exemplo, um microprocessador *Arduino* para cada aluno, o que o IPB disponibiliza. Minha aula de PIC (aula de programação do microcontrolador *Peripheral Interface Controller*) foi tudo com simulador, não houve nada prático.

Nas aulas de circuitos digitais, não tivemos um *protoboard*, com furos para fazer testes. Falta recursos para tornar as aulas mais práticas e menos teóricas. O que eu espero em uma tecnológica é que eu tenha acesso às tecnologias, o que acontece mais no IPB do que na UTFPR.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Na UTFPR, eu acredito que seja o apoio dos professores aos alunos. Como eu falei, é muito fácil você chegar nos professores. Já aconteceu,

por exemplo, de irmos à pizzaria com alguns professores, mas, aqui no IPB, longe disso acontecer, não tem esse vínculo.

Atividades entre os alunos eu também gosto bastante de como é na UTFPR. Pelo menos no campus Ponta Grossa, tem bastante espaço para os alunos ficarem dentro da universidade, você tem as atléticas, que conseguem unir os alunos, essa convivência entre os alunos eu acho fantástico, que é uma coisa que eu não vejo aqui no IPB. Pode ser também por conta da questão cultural.

Aqui existem as tunas, mas tem a segregação de portugueses para um lado e brasileiros para o outro.

Agora, o que eu gostei bastante no IPB é que realmente os trabalhos que você faz, o TCC, o trabalho final do mestrado, são aplicados e tem uma publicação no final, isso é bem motivador para o aluno, na questão de fazer um trabalho sabendo que ele vai ser útil.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Tem uma coisa, o IPB dá bastante liberdade para os alunos, no semestre passado, teve aquela semana de almoços internacionais, era a Semana Erasmus. Cada dia da semana havia um almoço de um país e a janta de outro país, e quem fornecia as receitas eram os alunos internacionais. Isso é uma coisa que eu duvido que aconteça tão rápido na UTFPR, muito pela questão burocrática.

Aqui, por exemplo, teve uns amigos da Polônia que fizeram pirogue, comida típica deles. Eles foram na cozinha, participaram de todo o processo de preparação da comida, conversaram com as pessoas que trabalham

na cantina para fazer a comida do jeito que deveria ser feito, e estavam servindo também.

Então, eu vejo que eles dão a oportunidade de os alunos virem aqui participar, mostrar sua cultura. Eu imagino, por exemplo, um estudante de gastronomia em uma universidade do Brasil, até mesmo a UTFPR, e eu não vejo ele tendo uma oportunidade assim, porque pode acontecer de ter alguma coisa errada na comida, aquele medo de intoxicação, de não fazer o cozimento correto da carne, alguém ficar doente. No jantar internacional que foi feito aqui, eles serviram até vinho.

Eu vejo que o IPB tem aquele pensamento bem forte de: “você já são adultos, você já sabem que precisam tomar cuidado com outras comidas”, então havia a opção da comida internacional, feita pelos alunos, mas também havia a opção da comida feita por profissionais aqui do IPB. Eles entendem que a responsabilidade é nossa, já somos adultos.

Todo mundo sabe que não deve dirigir embriagado, se acontecer não é culpa da instituição, você sabe dos riscos que está correndo. Então, por conta desta mentalidade, você tem que assumir seus riscos e não é a universidade que tem que cuidar da sua vida e de tudo o que você faz.

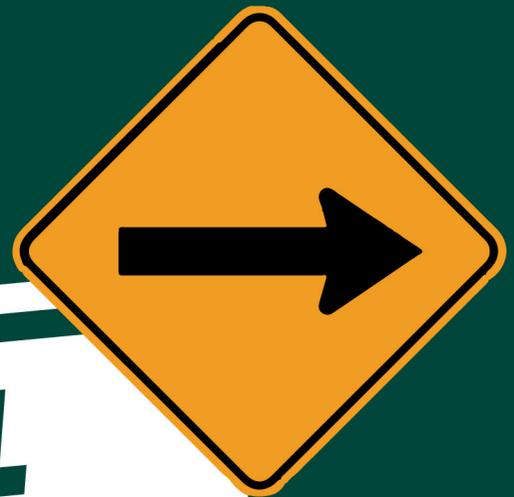
Fiquei surpreso com a liberdade que o IPB dá para os alunos. Assim, o aluno vai tentar fazer o melhor dele. Isso foi o que percebi, que o IPB é bem mais permissível do que a UTFPR, o aluno tem espaço para fazer o trabalho dele. No sistema de você passar o cartão para fazer a contagem da presença, que foi feito pelos alunos, você precisa confiar que aquele aluno vai ser capaz de desenvolver um sistema daqueles. E eu não vejo um espaço desses para um aluno na UTFPR.

Por exemplo, primeiro porque para o aluno fazer isso ele precisa ter certeza de que a instituição vai fornecer o equipamento para ele fazer e para testar. Uma vez que foi feito, você precisa de dinheiro para implantar esse sistema.

A UTFPR já tem dificuldade em dar bolsa-alimentação para os alunos, imagina fazer a implantação de um sistema, que teoricamente seria por luxo e não por necessidade. Então tem a questão da disponibilidade de verba, mas eu também não vejo um aluno ter espaço para fazer esse tipo de trabalho.



**Estudantes
portugueses do
IPB que fizeram
intercâmbio no
Brasil na UTFPR**



BRASIL



ESTUDANTE F

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

CURSO NA UTFPR, CAMPUS MEDIANEIRA:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

PERÍODO:
AGOSTO DE 2015 A SETEMBRO DE 2016

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
10 DE OUTUBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio na UTFPR?

» Primeiramente, o desejo por uma aventura fora da minha zona de conforto. Depois, pelo mérito e pelo enriquecimento inerente desta experiência no meu currículo, sendo que é também importante referir que, se perfilando à UTFPR, a única instituição federal e tecnológica do Brasil com o reconhecimento a si associado, foi também um ponto essencial nesta escolha.

Para você, o que é ser intercambista?

» Ser intercambista é partir em busca de desafios, de experiências e contatos com diferentes culturas. É ter o coração aberto a novos hábitos e reconhecer o novo país para onde vamos, como uma nova casa.

É deixarmos criar raízes e continuar a alimentá-las. O Brasil também é meu e eu também sou do Brasil. Continuo a cultivar amizades e anseio a oportunidade de um dia voltar.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Sim, sem dúvida. Principalmente nas primeiras semanas. Os costumes alimentares foram um dos problemas. Adoro arroz e feijão, mas

todos os dias é pesado. Para alguém que está habituado a consumir uma dieta mediterrânea que abunda a variedade fica difícil a repetição do mesmo prato todos os dias.

A língua também é uma dificuldade, apesar de termos línguas semelhantes, o português do Brasil tem expressões e sentidos muito diferentes das palavras de Portugal.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Não me lembro de ter usado outro idioma, mas se usei foi muito pouco e sempre o inglês.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional versus metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» É difícil separar as metodologias por instituição. Ambas apresentam um pouco das duas metodologias. Contudo, penso que o IPB forma mais um profissional para a indústria, apto a resolver problemas e preparado para aplicar os conhecimentos teóricos em situações práticas.

Pareceu-me que na UTFPR a parte teórica está muito presente, mas pouco aplicada em situações práticas. Por exemplo, na UTFPR, tive várias provas em que o exercício era a dedução de uma fórmula. No IPB, apesar de aprendermos a deduzir as fórmulas, nas provas aparecem exercícios práticos onde se aplicam as fórmulas já deduzidas.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Esta pergunta vai um pouco ao encontro daquilo que já respondi na anterior. Ambas as instituições apresentam situações reais onde se aplicam questões teóricas, contudo acho o IPB mais direcionado para esse âmbito.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Em relação ao tratado de Bolonha, penso que os aspectos positivos se centram principalmente na capacidade de colocar mais rapidamente pessoas formadas no mercado de trabalho. Como as matérias são

mais concentradas, obrigam-nos a procurar muita informação fora do conteúdo de aula, e isso acaba por se tornar uma ferramenta essencial quando entramos no mercado de trabalho.

Saber procurar as informações certas nos locais certos é meio caminho andado para resolver qualquer problema. Mas acredito que a UTFPR tem condições para instaurar este tratado.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Ambas as instituições têm centros de incubação para empresas criados pelos alunos. Ou seja, ambas criam condições para o desenvolvimento de novas ideias.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Em ambas as instituições, por meio de visitas técnicas e estágios.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» O perfil do docente no IPB é um perfil virado para a formação de técnicos aptos para desenvolverem funções na área industrial, contudo deixando bases para quem queira seguir a parte acadêmica.

No Brasil, o docente prepara o aluno num contexto mais teórico e acadêmico, mas compreendo que estes perfis estão totalmente adequados aos interesses e oportunidades de cada país.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de um instituto politécnico, o IPB, o melhor do país. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica ou politécnica.

» É difícil definir um conceito tendo em conta que estudei no IPB. Teoricamente, uma instituição tecnológica prepara um aluno para um ambiente industrial, presente claramente na metodologia do IPB.

Contudo, o IPB tem se destacado continuamente na produção acadêmica, tendo neste momento a melhor investigadora portuguesa na sua filial. Provavelmente a amplitude de cada um destes campos no IPB torna-o tão diferente do restante dos institutos politécnicos de Portugal. Contudo, sem dúvida que a parte técnica dos processos é o conceito base do IPB e da maioria das instituições tecnológicas.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

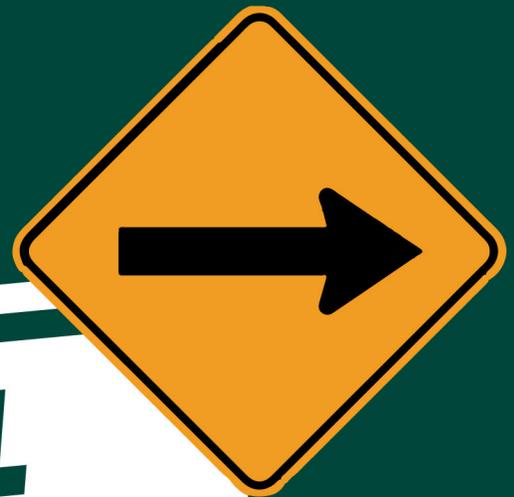
» Pareceu-me que, tirando as diferenças que já aponte em relação às metodologias de aulas, não noto grande diferença entre as duas instituições.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Ambas as instituições possuem docentes de elevado gabarito. Penso que, em questão de equipamentos e de metodologias laboratoriais, o IPB encontra-se um pouco mais avançado.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Não tenho nada a acrescentar.



BRASIL



ESTUDANTE G

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

CURSO NA UTFPR, CAMPUS MEDIANEIRA:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

PERÍODO:
AGOSTO DE 2015 A SETEMBRO DE 2016

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
11 DE OUTUBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio na UTFPR?

» Eu sempre tive curiosidade em conhecer o Brasil e recebi a proposta dos meus professores, achei que seria uma grande oportunidade já que era, não diria o meu sonho, mas queria muito conhecer o país, então aproveitei a oportunidade e fui.

Para você, o que é ser intercambista?

» No geral, aprendi muito com a experiência. Ser intercambista é ir para outra parte do mundo ou para outro local, outro país e conhecer culturas, tradições, outras pessoas, maneiras de agir, essas coisas.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» A minha adaptação foi, não diria complicada, mas os primeiros três meses, acho que, porque nunca tinha feito intercâmbio, foram os mais complicados.

Também, a cidade [Ponta Grossa] era grande e eu não estava habituado, porque Bragança é pequena. Senti dificuldades em relação ao transporte, os ônibus muitas vezes eram lotados. Quanto à moradia, antes de ir

eu já tinha falado com alguns colegas, estudantes de Engenharia Química, e eles conseguiram um lugar para eu morar.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Não. Só estivemos a falar dentro da universidade, ou seja, somente português.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional versus metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» Acho que, na minha maneira de ver, a UTFPR é mais tradicional com a metodologia de ensino, e o IPB já é um pouco o contrário, uma metodologia mais ativa, mais moderna.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de

caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Senti um pouco isso sim. Não querendo falar mal da UTFPR, mas acho que o IPB nos prepara um pouco mais para a indústria. Acho que temos mais casos, eu falo do curso de Engenharia Química, acho que temos mais casos práticos durante as aulas. Lá [na UTFPR], não posso generalizar, porque lá estive apenas um ano, fiz cinco disciplinas, por isso fico um pouco inseguro em afirmar.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Sim, acho que sim, porque obriga-nos a correr atrás, não estar à espera de que tudo caia nas nossas mãos. Até porque, quando a gente vai trabalhar, está mesmo no mercado de trabalho, o teu chefe não vai e diz: “Olha, isso é assim”, tu tens de correr atrás. Então, um aspecto positivo seria a autonomia que desenvolvemos aqui [no IPB]. Não percebi isso na UTFPR.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Sim, nas duas instituições. Mesmo na UTFPR, eu assistia as associações, não sei como chamar, que promovem mesmo o empreendedorismo e aqui também.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Acho que sim. Aqui no IPB posso falar que sim. Lá, ao meu ver, também tem, só que, em relação à minha experiência, porque eu era intercambista, não tive tanto esse contato, talvez tenha faltado oportunidade. Lá eu fiz visita técnica a uma empresa.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» Se calhar, não diria o perfil do professor, diria o perfil da maneira como as aulas são dadas. Acho que aqui [no IPB] as aulas são mais práticas, à medida que a teoria vai sendo dada, vão se fazendo práticas. E lá, as aulas que eu tive eram bastante teóricas, não eram tão práticas e com poucos exemplos reais.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para

representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de um instituto politécnico, o IPB, o melhor do país. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica ou politécnica.

» Não diria que o conceito me influenciou. Eu sou da região de Bragança e gostava também, já tinha noção disso porque tive familiares que aqui estudaram e falavam que o IPB potencializava o desenvolvimento regional. Por que ir para o Porto se posso estar em casa, né?

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

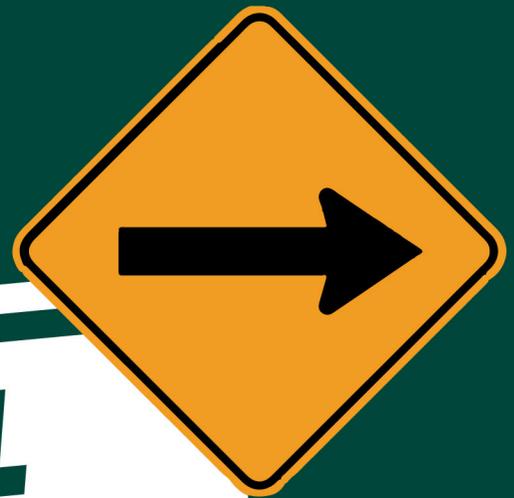
» Acho que as duas possuem características, mas não penso muito sobre isso.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» O restaurante universitário não tem comparação, aqui no IPB é um nível muito superior. Lá, eu gostei muito dos professores, são muito receptivos, as pessoas são muito receptivas, fiz muitos amigos dentro e fora da universidade. A qualidade de ensino de ambas é boa.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Não.



BRASIL



ESTUDANTE H

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

CURSO NA UTFPR, CAMPUS MEDIANEIRA:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

PERÍODO:
AGOSTO DE 2015 A SETEMBRO DE 2016

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
22 DE SETEMBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio na UTFPR?

» Eu terminei a minha licenciatura e não sabia o que fazer. Tentei procurar trabalho e não consegui, todos aqueles que eu me candidatava ou não tinha resposta por parte da empresa ou eles pediam experiência, e alguém que acabou de se formar não tem experiência e, se a empresa não proporciona essa oportunidade, nunca vamos conseguir ter a experiência, ou seja, ficamos naquele tem, não tem.

Nesse período, eu decidi trabalhar por conta própria, no sentido de tentar fazer o meu dinheiro mesmo que não fosse na área em que me formei. Então, estive um ano assim, na altura a minha irmã continuou os estudos, ou seja, seguiu da licenciatura para o mestrado. Ela continuou aqui em Bragança e eu fiquei na minha cidade.

Neste período, surgiu a proposta, a possibilidade de fazer um intercâmbio, e ela estava toda entusiasmada com isso. Eu ficava a pensar naquilo, talvez começar a estudar outra vez, já que não consigo trabalhar, pensei em melhorar o meu currículo.

Na altura eu soube que havia a proposta de ir para fora, fiquei entusiasmada porque eu queria fazer alguma coisa, não sabia que era para o Brasil e, quando me foi proposto, ela já tinha dado a resposta confirmando sua ida e eu fiquei naquele choque de *tu vais e eu?*

E eu queria fazer [o intercâmbio], mas fiquei insegura de ser para o Brasil, um país tão longe, fiquei na dúvida. Quando nós queremos ir para

fora, queremos ir, mas não para o outro lado do oceano, né? Então, pronto, fiquei um pouco na dúvida, pensei bastante, eu tinha um prazo para dar uma resposta e não podia me estender muito para dizer alguma coisa. Porque houve uma desistência, quem tinha aceitado já estava pronto para ir praticamente e eu tinha que me decidir, sim ou não.

Quando eu aceitei já estava muito em cima, mas deu tempo para tratar de todo o processo do visto, do consulado, foi um pouco apertado. Uma grande motivação foi essa de eu querer fazer alguma coisa diferente no currículo; então, já que não tinha conseguido trabalhar, e o fato de ter um apoio de alguém que também ia e que eu conhecia, no caso minha irmã e outro rapaz, ajudou muito.

Para você, o que é ser intercambista?

» Então, eu penso que ser intercambista é conhecer a nós próprios melhor, porque levamo-nos a um limite que não conhecemos, o fato de nós acharmos que nunca conseguiríamos fazer determinadas ações e passarmos a fazê-las.

Conhecer a nós próprios e conhecer aquilo que está lá fora, porque a ideia que nós temos do que é lá fora é sempre melhor do que o que nós temos aqui dentro e, quando vamos e temos contato direto com essa experiência, percebemos se é mesmo melhor ou se, por outro lado, não é.

Gostei da experiência, sim, e gostei de pôr a mim no limite, de saber que o primeiro passo foi dado ao dizer que sim, queria ir, e o segundo foi chegar lá e ter contato com a realidade e dizer: “E agora? O que é que vou fazer? Como é que vou agir?”.

E criar autonomia, fazer um desenvolvimento psicológico, pessoal e profissional. Porque nós sabemos que, da maneira que está o mercado, nós estamos sujeitos diariamente a ter que nos deslocar ou ter contato direto com pessoas do outro lado do mundo.

Poder ter essa experiência é podermos ter uma ideia de como é trabalhar com alguém que é diferente de nós, no sentido intercultural e interpessoal, não só daquilo que nós temos contato diariamente.

Eu dou o exemplo em relação ao Brasil, nós temos uma ideia do que pode ser o Brasil, daquilo que vimos na televisão, mas estar lá, morar lá, saber como é o dia a dia de lá das pessoas é completamente diferente. Eu tinha essa curiosidade e sei que *ser intercambista* dá essa experiência, mais do que profissional, uma experiência pessoal.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Não, porque tivemos apoio dos professores de lá, ou seja, tudo aquilo que nós tínhamos que tratar em termos de documentação, de nos deslocarmos para ter acesso a alguma parte de saúde, compras, tudo foi auxiliado pelos professores. Eles se dispuseram a ajudar-nos nesse sentido porque sabiam que estávamos ali desamparadas, não conhecíamos nada nem ninguém e essa ajuda foi muito importante.

Não tivemos dificuldades com moradia, porque, quando fomos para lá, nós sabíamos que a UTFPR não fazia como o IPB faz, que tinha apartamentos de estudantes e casas, quartos para alugar da própria instituição. Ou seja, aquilo seria por conta própria, nós íamos chegar lá e, como íamos aterrizar em um voo e chegar lá à noite, nós sabíamos que tínhamos que ter logo onde ficar.

Então, nosso colega que foi conosco tentou conversar com alguém lá da UTFPR pela internet. Ele conseguiu achar um número e pedir para essa pessoa que encontrasse um lugar para nós ficarmos, nem que fosse só a primeira noite e depois, no dia seguinte, nós procurávamos. Ele encontrou lá uma casa de estudantes perto da universidade e foi onde ficamos até o fim.

Optamos por ficar juntos, nós três, e tentamos arranjar um espaço para ficarmos nós, só que lá, por causa da burocracia, eles pediam fiador, nós teríamos que comprar os móveis, as camas, isso tudo era muito difícil de adquirirmos, porque nós tínhamos tempo determinado para estar lá.

Estar a comprar cadeiras, mesas, era impensável, assim, ali na casa do estudante, pagamos a renda do quarto e tínhamos direito a tudo. Alugar com tudo dentro, como acontece aqui, não tem.

Então, lá nós sentimos essa dificuldade de ter onde ficar, porque a universidade poderia proporcionar um recinto, nem que fosse fechado, só para aqueles alunos, nem que fosse por meio de bolsa ou ajuda para pessoas mais carentes.

Pronto, sabíamos que íamos para lá, mas não tínhamos onde ficar, e esse medo de não saber o que encontrar e não ter onde ficar mexeu conosco, mas graças a Deus conseguimos. Foi uma dificuldade, mas que nos foi facilitada porque conseguimos ter alguém lá nos ajudando.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Não, só na parte de desenvolvimento de dissertação, a professora sugeriu que pudesse ser parte em inglês, eu não quis porque sabia que tinha pouco tempo para desenvolver a minha parte, então eu queria já produzir em português para que, quando chegasse cá e transferisse para as normas daqui e não as de lá da UTFPR, fosse mais fácil.

Em termos de comunicação também foi acessível, porque a gente compreende muito bem a língua, principalmente nós a vocês lá. Então, nessa parte foi muito fácil, foi muito acessível, portanto, não, não tive.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional versus metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» Sim, na UTFPR a ativa e aqui no IPB a tradicional. Inicialmente, a primeira ideia, como não conhecíamos lá, aqui que era uma metodologia ativa, os professores interagem, fazem perguntas, nós expomos as nossas dúvidas, mas depois de ir para lá e ter acesso às matérias de lá e às aulas de lá, eu percebi que é o contrário: lá é muito mais ativa do que aqui.

Aqui basicamente nós nos sentamos, assistimos à aula, o professor expõe, seja por meio de slides ou material documental, mas lá eu percebi que o aluno é muito mais estimulado. Talvez pela relação que vocês, lá no Brasil, tentam transmitir, como são pessoas mais afetuosas, mais carinhosas, mais atentas, eu percebi que lá éramos muito mais estimulados.

O professor iniciava o tema da aula, expunha aquilo que iria ser falado, mas no decorrer da aula o aluno era cativado a participar, eram feitas questões para o aluno responder, para dar experiência pessoal, para dizer a opinião, principalmente nós portugueses. Lá os professores perguntavam muito: “Como é que é em Portugal nesse aspecto a vossa experiência? O que é que vocês sabem para dar de conhecimento aos colegas de turma, aquilo que é feito, que acontece lá?”. Essa parte de interação é muito mais presente lá do que aqui no IPB.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Eu percebi que, lá na UTFPR, é muito mais presente, ou seja, os professores que estão a dar aula, praticamente todos têm uma parte prática na carreira deles, ou seja, a maior parte esteve na indústria da área em que está a lecionar para poder transmitir na aula aquilo que foi feito, o conhecimento que tem e aquilo que o mercado espera que a pessoa que sai formada faça.

Aqui no IPB eu não notei tanto, sei que há professores que têm esse contato com a indústria, sei que muitos deles expõem, mas eles tentam não dar essa opinião pessoal para não nos influenciar. Ou seja, eu sei que eles são capazes de dizer: “Olha, aconteceu isto e vocês deveriam ter agido assim, mas o que é correto fazer é dessa maneira”.

A prática nós sabemos que é muito diferente da teoria, é bom ter o conhecimento teórico e profundo para depois conseguir aplicar, mas na prática nem sempre ocorre certinho, nem sempre é daquela maneira, nem sempre tem aquele seguimento e o fato dos professores daqui também terem alguma experiência, mas eles, se calhar, não dão envolvimento pessoal, profissional nessa área, ensinam sim aquilo que deve ser feito e não aquilo que eles fariam ou que fizeram.

Eu acho que, lá na UTFPR, sim, tem muito mais essa ênfase daquilo que pode acontecer, daquilo que os professores presenciaram, do que aqui, em relação ao IPB.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Na UTFPR nem tanto, eu sei que eles davam trabalhos para nós fazermos, faziam o desenvolvimento da aula e depois, no fim, davam um trabalho que nós podíamos levar para casa e desenvolver e, se tivéssemos dúvidas, no dia seguinte, poderíamos ir à aula e expor.

Aqui, eu sei que eles centralizam cada vez mais a responsabilidade no aluno, do fazer, do ir atrás, mas não sei até que ponto é que essa transferência de responsabilidade, de centralização daquilo que o aluno deve fazer e não tanto a imagem do professor é acompanhada por nós. Nós podemos ter trabalhos sim para levar, mas é aquilo da aula, não amplia o conhecimento, não vai atrás de outros teóricos.

Como alunos, nos disponibilizamos a fazer só aquilo mesmo, ou seja, se está bem, está bem, se não está, está mais ou menos, mas sabemos que o professor é que sabe. Nós continuamos a achar que o professor é aquela figura central, que ele é que tem o conhecimento e nós só temos que estar ali a absorver e a tirar anotações daquilo e nada além daquilo que é passado por ele.

Então, a ideia que eu tenho é que esse princípio do Tratado ainda não foi absorvido. Na minha ideia, continua que o professor está ali para ensinar, o professor está ali a expor a matéria e eu estou como aluna a absorver. Eu tenho que saber tirar partido máximo daquilo que estou a absorver e focar naquilo que eu entendo que é mais importante ou não.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Sim, em ambos. Eu percebo que, na UTFPR, eles esforçam-se para acompanhar o que está cá fora, o que acontece na parte industrial, o mercado de trabalho, eles criam motivação e criam formas de tentar trabalhar da mesma maneira que nós podemos encontrar cá fora.

Aqui, o que eu acho do IPB, eles têm muitos equipamentos, tem muito material para ser trabalhado, mas ainda condicionam os alunos que querem trabalhar. Em parte, estimula para que seja usado, para que façam projetos com uso desse tipo de material, mas na prática, quando queremos usar, somos condicionados.

A ideia que eu tenho é que há os técnicos que sabem mexer no equipamento e para não estragar, eles mexem, o aluno acompanha, visualiza e, se fizer alguma coisa, está com a supervisão do técnico. Enquanto, na UTFPR, há abertura ao aluno para mexer, para ver, para observar, para

fazer por ele próprio e ele tem conhecimento que aquilo que vai encontrar lá fora é o que está fazendo naquele momento. Enquanto aqui, somos mais condicionados nesse aspecto, temos sim o material altamente tecnológico, de última gama que a gente possa encontrar igual na indústria, mas o mexer, o fazer, a parte prática não, somos mais condicionados.

E o estímulo ao empreendedorismo tanto lá [na UTFPR], quanto cá [no IPB], isso sim, que se pudermos ser nós os nossos patrões, o nosso chefe, eles falam isso, tanto aqui como lá. Nenhum deles diz para irmos trabalhar para outro, ou seja, sermos nós os empreendedores, nós os nossos patrões, nós os profissionais, porque temos acesso, condições e toda a informação que precisamos para podermos ser autônomos nesse aspecto, e não sair daqui e ser funcionário simples de uma empresa qualquer.

Mas, em termos de contato direto com aquilo que pode acontecer em situações reais, eu acho que lá [na UTFPR] é muito mais próximo esse contato do que aqui. Aqui temos uma ideia do que pode ser, mas a prática não sabemos, continuamos sem saber como é, e na UTFPR não, há um contato maior e o fazer nos dá essa possibilidade.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Aqui eu acho que nós conseguimos ter esse contato e fazer essas visitas se o professor sugerir, requisitar o autocarro para gente poder marcar aquela data e fazer a visita, até porque a empresa tem que autorizar.

Lá, eu percebi que era mais fácil, que as empresas estão mais abertas a receber alunos, talvez pelo fato de saber que se disponibilizarem aquilo

que acontece dentro das empresas, aquilo que pode vir a acontecer, mais facilmente captam a atenção do aluno para querer trabalhar lá, e o professor, mesmo durante a aula, fala muitas vezes e pergunta aos alunos o que que querem conhecer, onde querem visitar, eu acho que lá é mais fácil, enquanto estávamos no Brasil fizemos algumas visitas, umas três ou quatro.

É como se já fosse obrigatório, entra na aula sabendo que aquela aula de laticínios vai ter uma visita. Aqui não! Aqui estamos sempre na expectativa: *Será que este ano vamos a algum lado? A turma do ano passado foi à Campal, de sumos (o mesmo que suco), será que nós este ano também vamos conhecer?*

É sempre aquela dúvida, eu não sei se a dificuldade está nas empresas, de receber os alunos, ou dos professores e o instituto poder proporcionar isso aos alunos e ter o contato com as empresas de fora, não sei onde está a dificuldade. Mas sim, lá senti muito mais liberdade e acesso a isso do que aqui.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

» O contato é muito mais direto, ou seja, lá na UTFPR o professor não se vê como professor, cria a autoridade dele sim, para criar aquela barreira do respeito, de figura presencial, de hierarquia, mas abre um leque de possibilidades e põe o aluno à vontade para poder ser tratado quase que como um deles, porque eles passaram-nos logo o contato pessoal, quando a gente encontra nos corredores podemos falar, há debates do aluno com o professor, da experiência que cada um tem, aquilo que cada um pode contribuir, são mais acessíveis a ser contatos mesmo durante a noite, se houver algum problema, nos conseguíamos ligar para os professores.

Aqui não, o docente tem aquela autoridade e os alunos são os alunos. Há um estabelecimento de relações interpessoais, mas sempre com aquela barreira, à medida que eles são eles e o professor é o professor, há mais hierarquia e o número de telemóvel [telefone celular] que eu possa ter, por exemplo, de algum professor daqui, é um contato que foi criado com o tempo, não é assim de um momento para o outro que consigo. Aqui é bom dia, boa tarde e fica por aí.

Enquanto na UTFPR, eu sempre tive mais afeto, mais preocupação com o que poderia estar a acontecer. Talvez por sermos estrangeiras, mas eu sentia que era igual com os colegas, dentro da sala de aula era igual, se havia dúvida, não interessa, não era preciso marcar àquela hora no gabinete para ter uma reunião para expor as dúvidas, não.

Chegava na sala dos professores, procurava se estava e podia entrar, mesmo na parte da direção, nós fomos muitas vezes à nossa coordenadora, e independentemente de ela estar muito ocupada ou pouco, ela sempre nos pôs à vontade para entrar, falar com ela, deu-nos muitas vezes boleia para casa, aqui não sinto isso; aqui, tens dúvida, marca horário no meu gabinete, é algo mais formal, mesmo nos corredores é apenas: "Olá, professor! Tudo bem?" e fica por ali, não quer saber se tens problema pessoal, se a dificuldade na matéria foi porque não estudaste ou foi porque tens mesmo dificuldade em aprender aquilo.

Outro ponto é que senti que a experiência na indústria interfere nas aulas, sem dúvida, quem tem experiência profissional, em parte de trabalhar na indústria e não só a parte profissional de ser docente, sim, tem muito mais vantagem em termos de expor a matéria.

Assim, o aluno consegue acompanhar mais facilmente a evolução das normas, das leis, daquilo que se pode ou não fazer, acompanhar a parte documental que é apresentada nas indústrias, do que aqueles professores

que não têm essa experiência, que só são professores, que não têm essa experiência prática.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de um instituto politécnico, o IPB, o melhor do país. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica ou politécnica.

» Eu sabia que a universidade seria preparada, teria equipamentos e preparação para receber os alunos e lecionar os cursos que apresentava ser disponíveis para candidatura. Mas, a ideia que eu tenho e o conhecimento que eu tenho com o contato com outros alunos de universidades clássicas é que aqui a parte de integração é muito mais envolvente.

Enquanto em uma universidade clássica, tem aquele nome, aquele renome, aluno não tem aquele contato que nós temos aqui com os professores, com os técnicos, acesso aos laboratórios, às aulas, eu acho que aqui é muito mais integrante, em termos mesmo da parte eletiva e da educação do que propriamente nas outras universidades. Eu percebo que tem um foco diferenciado, de formar um profissional mais atento ao mercado, mais atualizado.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Sim, em vários aspectos. Pode não estar equipada com equipamentos altamente tecnológicos, provavelmente pelo meio de financiamento ser diferente e o Estado em si, mas eu tenho certeza de que a universidade lá [no Brasil] se empenha em tentar adquirir esse tipo de material para poder ajudar os alunos a formar-se.

E aqui, como nós pagamos uma propina [valor que se paga ao Estado para realizar certos atos escolares, como: matrículas, exames etc.], talvez por o aluno contribuir para poder estudar na universidade.

Paga para poder entrar na universidade, paga todos os meses para poder frequentar e na UTFPR, como o acesso é por público, talvez essa discrepância que há em termos de material e dessa parte tecnológica possa ter a ver com isso.

Como aqui o aluno paga para estudar, talvez exista mais possibilidade de proporcionar meios tecnológicos, materiais, entre outros, por ter essa facilidade econômica também, lá no Brasil, se calhar não. Pelo fato de o acesso ser por meio do Estado, tem toda essa questão que na UTFPR, os apoios que eles conseguem para ter o material não são suficientes.

E como aqui nós temos mais material, poderia ser mais fácil para o aluno fazer mais partes práticas e ser mais integrada em determinados temas, desenvolvimento de produtos, enquanto lá, como são mais carenciados desse fator. Mas, no entanto, conseguem contrabalancear com atividades práticas que são feitas, porque lá querem fazer uma compota, querem fazer um pão e fazem e tem poucos meios, mas eles organizam-se e, com o pouco que têm, fazem.

Aqui, nós temos tanto material e não temos essa parte prática, não temos esse contato, inclusive, através dos valores vindos das propinas poderia ser mais fácil proporcionar aulas práticas, ainda que fosse por

meio de um técnico que viesse de fora, só dar uma aula prática naquele dia inteiro para poder fazer determinado produto.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Então, lá na UTFPR, como nós tínhamos que desenvolver a nossa tese e os nossos trabalhos laboratoriais individualmente, poderíamos ter ajuda de alguém, um colega, até de um professor que pudesse ficar, a universidade estava aberta.

A professora passaria uma autorização ao técnico do laboratório ou ao segurança que estava na portaria, que punha lá o nosso nome e nós, à noite, se quiséssemos ficar na universidade a trabalhar nos laboratórios, poderíamos entrar. Tínhamos autorização passada por um docente, responsável nosso, lá estava o nosso coordenador de lá e nós entrávamos na universidade e estávamos lá uma noite inteira a trabalhar nos laboratórios, nós podíamos trabalhar desde que fizéssemos a reserva de material.

Individualmente, independentemente, nós estaríamos lá sem a supervisão de alguém, só com autorização, podemos entrar e trabalhar. Aqui não, aqui o IPB pode estar aberto, mas nunca poderíamos ter acesso a um laboratório e material de laboratório sem estar alguém a supervisionar.

Lá, à uma da manhã ou duas da manhã, alguém estava a trabalhar no laboratório, a fazer experiências, aqui, no IPB, eu não percebo isso, do tempo que eu estive a estudar eu não poderia fazer isso, ou seja, sempre que eu ia fazer uma experiência eu tinha que ter um supervisor. Então, essa autonomia, na UTFPR, eu acho que é muito mais fácil,

muito mais gratificante, porque nós próprios conseguimos desenvolver aquilo e aprender aquilo de uma forma para não esquecer.

Aqui, no IPB, não acontece assim. Aqui é apenas ver o professor ou o técnico fazer, e o *ver fazer* é diferente de *fazer*. No IPB, o que tem de melhor é esse acesso à parte técnica, o saber que está ali podemos ter contato, embora a gente não tenha esse contato tão direto. Mas saber que está ali, que estamos em um ambiente tecnológico, que temos acesso às tecnologias, que está dentro daquilo que a União Europeia e a indústria têm, é muito bom.

Outro ponto é a cantina. Na UTFPR, o restaurante universitário é terceirizado, ou seja, não é a UTFPR que toma conta dessa parte. Aqui é o instituto que cuida dessa parte e isso é bom, pois proporciona aos alunos diferentes pratos de alimentos e o aluno pode escolher aquilo que quer comer, ter esse cuidado da parte vegetariana, ter o acesso a uma alimentação completa, desde o pão, a sopa, o prato principal, a sobremesa, a salada; a disposição, qualquer um pode tirar.

O cartão, até a tecnologia do cartão, você usa para ir à cantina, para impressão e lá não, lá é tudo a pagar na hora, ou seja, aqui pode cada aluno ter um cartão. Porque lá na universidade nós tínhamos aquele cartão para poder entrar na universidade, com a imagem e com o número, mas o cartão não dava acesso a nada, era só para dizer que éramos alunas da UTFPR.

E aqui o nosso cartão de aluno, podemos usá-lo dentro do instituto para várias funções, tirar cópia, ir comer a cantina, pagar, reservar livros na biblioteca.

A parte organizacional aqui funciona muito bem, talvez seja o que falhe lá, o que falte lá; podem ter ideia, podem querer fazer, mas aqui de fato há isso implementado, é fácil, é chegar e você consegue saber, você tem acesso a tudo, os documentos está ali tudo certo, é tudo rápido.

É tudo sistematizado, tudo organizado, independente se a pessoa sai de férias as coisas não param, nada para. E mesmo a parte online, a conta do aluno aqui nós conseguimos ter acesso para já a todos os polos do instituto na página, depois há toda a parte da área pessoal do aluno, a área das matérias, a área da cantina, as notas, o processo de notas, de tudo, lá isso não tem.

Por exemplo, com relação ao conteúdo, a matéria, aqui o professor coloca logo na área do aluno todas as matérias que serão lecionadas na aula, ou seja, o aluno já tem acesso automaticamente à matéria que já foi lecionada ou até das próximas matérias que serão lecionadas para poder acompanhar ao mesmo tempo nas aulas, lá na UTFPR eu não notei isso.

Isso vai ao encontro da autonomia do aluno, aqui o aluno tem mais autonomia, lá não, o professor chega e é uma surpresa o que ele vai ensinar.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Sim, eu gostaria. A parte documental no sentido em que ainda estamos à espera daquilo que é um direito nosso de obter, que é a documentação. Nós estivemos lá na altura em que formalizamos tudo que era preciso.

Quando terminamos a nossa parte que estávamos a desenvolver, a UTFPR assegurou-nos que poderíamos vir tranquilos para Portugal, para o IPB, e que a partir daquele momento tudo que se processasse de documentação, lançamento de notas, daquilo que tínhamos direito da parte de conclusão do trabalho, ia correr normalmente e essa parte seria tratada entre as instituições.

Ou seja, não tinha nada a ver com a nossa presença pessoal na UTFPR. Portanto, nós viemos para Portugal tranquilas, chegamos cá, sabíamos que ia levar tempo essa parte burocrática ser feita, mas não sabíamos que ia ser tanto assim.

Quando chegamos foi um choque muito grande, porque aquilo que nós conseguimos perceber é que havia muitos documentos ainda a serem tratados, questões que haviam de ser debatidas e que não estavam bem esclarecidas entre as universidades.

Por exemplo, como seria feita essa parte da documentação, o que viria descrito em cada documento, o que teríamos concluído lá e cá, como é que devia ser a parte das notas. A parte da defesa nós também fizemos lá, foi presencial, via Skype, tanto com os docentes daqui [do IPB] como com os de lá [da UTFPR], a parte das notas também foi discutida entre eles, foi dada em conjunto com o consenso de todos os participantes e, quando chegamos em Portugal, pelas regras do IPB, sabíamos que tínhamos de defender aqui outra vez e estávamos sujeitos a nova avaliação, embora já tivéssemos sido avaliados na UTFPR.

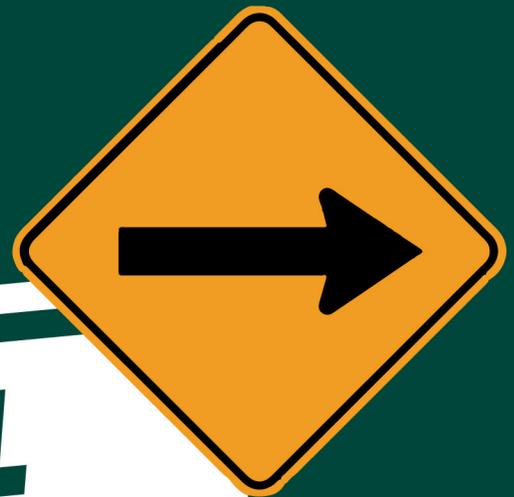
Não concordamos com o fato de haver duas avaliações para um mesmo trabalho, e de sermos submetidos novamente a essa avaliação e passar novamente por esse processo, não que custe defender um tema que nós estudamos, mas é o estresse que somos sujeitos. Por que isso se existe um acordo entre as instituições e contato entre os professores?

Quando os professores do IPB não vão acompanhar o nosso processo ao longo do ano, ou seja, eles deveriam se basear nos resultados que nós obtivemos na UTFPR. Isso é até uma falta de confiança dos professores daqui [do IPB], com os de lá [da UTFPR], é pôr em questionamento o trabalho deles. Se há um acordo de dupla diplomação, ambos têm que confiar.

E se eles não tivessem presenciado via Skype, mas eles presenciaram, ou seja, a nota que foi dada lá, foi em conjunto com os professores de cá e de lá, ou seja, os de cá [do IPB] tinham conhecimento, viram como foi feita a apresentação, não foi às escuras.

Chegar cá e voltar a ser sujeita a esse processo todo e o tempo, eu falo por mim, o tempo que estive à espera para poder fazer essa defesa, estamos naquela ansiedade, naquele: "O que vai acontecer? Como é que vai ser feito?".

E essa parte da documentação é ainda pior, porque nós ainda estamos na dúvida do que está a impedir que possamos finalizar tudo. Falamos via e-mail com os professores de lá, e eles dizem que o problema está aqui, e os daqui dizem que o problema está a ser lá resolvido, a espera é muito frustrante, dois anos é muito tempo.



BRASIL



ESTUDANTE I

CURSO NO IPB:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

CURSO NA UTFPR, CAMPUS MEDIANEIRA:
ENGENHARIA DE ALIMENTOS

PERÍODO:
AGOSTO DE 2015 A SETEMBRO DE 2016

ENTREVISTA CONCEDIDA A:
CAROLINE LIEVORE

DATA:
22 DE SETEMBRO DE 2018

LOCAL:
IPB, BRAGANÇA, PORTUGAL

A EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

O que te motivou a realizar o intercâmbio na UTFPR?

» Foi uma proposta feita pelo docente, porque eu fazia parte dos representantes do grupo de Engenharia Alimentar e, depois do mestrado, eu participava de todas as reuniões que eram pedagógicas.

Então, eu previamente já sabia que ia haver esse acordo tanto com o Brasil como de Engenharia Agrônômica ou Engenharia Tropical em Angola, eu estava à parte do processo, e sabia que eles estavam em conversações para ter o acesso, a aprovação para alunos irem para fora.

Na altura já havia outros locais – como Polônia e Romênia – para os nossos cursos, então um novo acordo com o Brasil que possibilitasse os alunos a irem para fora e terem novas experiências era o ideal. Eu estava por dentro dos assuntos e fiquei interessada desde então.

Me interessei mais pelo Brasil e não Polônia, por exemplo, primeiro porque para a Polônia e para a Romênia, esses locais eram do programa Erasmus e nesse sentido não era um intercâmbio.

Para mim, havia duas grandes vertentes. O intercâmbio eu poderia ir lá fazer tanto as cadeiras, as disciplinas, como também uma parte prática, ou seja, desenvolver lá fora o meu trabalho, um novo produto, novos laboratórios, descobrimento de novas ciências, o que fosse. Enquanto no Erasmus é só para fazer as disciplinas, ou seja, lá era aprovado as cadeiras e vinha para cá e começava tudo igual, foi essa a grande diferença. E depois, eu queria uma experiência fora e aproveitei assim que houve a oportunidade.

Para você, o que é ser intercambista?

» Primeiro deu-me o saber do conhecimento lá fora, saber como eles trabalham lá fora, se as técnicas que eles utilizam é como aqui em Portugal, e depois não ficar só limitado ao espaço da aula.

Porque nós aqui, no nosso curso, a parte prática é muito limitada, ou seja, nós vamos para um laboratório e fazemos a experiência, mas é o grupo de alunos, não é individual, o professor dá um protocolo para seguir e um grupo de alunos que desenvolve aquele protocolo e as próprias técnicas de laboratório que preparam esse material para nós, só depois desenvolvermos a experiência. Não há aquele conhecimento, aquela individualidade, o fazer só eu.

Então, a minha ideia sempre foi ir para o mercado de trabalho, eu preciso saber, eu preciso aprender, eu vou correr para um laboratório, eu quero saber como é que se fazem as análises.

E depois, todo o conhecimento que o exterior me podia transmitir foi o Brasil, foi a oportunidade de ser o Brasil, poderia ter sido sei lá, no Japão ou outro país qualquer, mas eu queria saber como se trabalhava lá fora, o que é que eu poderia descobrir. Eventualmente, se um dia tivesse uma proposta de trabalho lá fora, eu teria essa preparação, foi mais nesse sentido.

Você sentiu alguma dificuldade em viver fora do seu país de origem? Poderia comentar?

» Não, lá não, porque primeiro, Medianeira é um espaço calmo, uma terra calma, não tem tanta diversão noturna, há aquele risco de violência, *ok* estamos no Brasil, devemos ter mais cuidado. Mas, assim, dificuldade não, porque eu aqui também não era de sair muito.

Por isso, não foi difícil para eu ir da Universidade para casa, da casa para a Universidade, conviver lá com uns colegas, então não tive dificuldades, talvez outras pessoas pudessem ter sentido uma grande diferença, para mim não foi. A mesma língua também ajudou muito.

E depois, eu queria conhecer um novo costume, sempre gostei do Brasil, ver pessoas, saber como elas queriam trabalhar lá ou como é que poderia ser o vosso país, isso me interessava muito. A experiência foi gratificante para mim, uma cultura nova, os vossos costumes, a maneira como vocês trabalham, como ensinam, como veem o dia a dia.

Com relação ao idioma utilizado aqui, além do português, você sentiu necessidade de falar outra língua?

» Não. É claro que no desenvolvimento da tese é preciso ler artigos em inglês, pesquisar, ver a informação que possa contribuir para o projeto que estamos a desenvolver, mas fora isso, não.

AS INSTITUIÇÕES UTFPR E IPB

Gostaria que você comparasse a UTFPR e o IPB no aspecto de metodologias de ensino. Para isso, gostaria que você abordasse três aspectos. O primeiro aspecto é com relação ao uso de metodologia tradicional versus metodologia ativa. A metodologia tradicional seria uma aula expositiva, em que a voz principal é do professor, e o estudante é um receptor de conteúdo. A metodologia ativa seria a metodologia em que o estudante tem envolvimento e o professor tem perfil de orientador, mentor, dando suporte para as indagações vindas dos estudantes. Na UTFPR e no IPB, você percebeu qual dessas metodologias é a mais presente? Poderia comentar?

» Sim, a tradicional aqui no IPB e a metodologia ativa lá na UTFPR. Eu achei assim, porque eu fiz toda a minha licenciatura aqui no IPB, o mestrado metade aqui no IPB e metade lá. Assistia aulas lá, metade do ano eu fiz as aulas lá a outra metade foi para desenvolver o projeto e o estágio mais à frente, então eu vi uma grande diferença.

Vamos supor, eu entrava em uma aula, era Fenômenos de Transferência, era uma cadeira que nós fizemos lá. Então, o professor dava toda a parte teórica no início de uma aula e depois íamos para um laboratório e ele demonstrava como aquilo acontecia, por exemplo, como nós caracterizávamos os fluidos, víamos diretamente como aquilo se processava.

Aqui no IPB não, aqui é só expor a matéria, alguns exercícios e ficávamos por isso. Por exemplo, um fluido reológico, a parte reológica dos fluidos, eu nunca soube o que era, simplesmente estudava na matéria, lá não, lá eu consegui presenciar isso, ver como é que eles processam.

Eu acho que aqui eles expõem, dão alguns exemplos, mas por exemplo, na UTFPR os professores expõem a matéria, dão exemplos práticos, seja em termos de cálculo ou o que pode acontecer no dia a dia, em uma empresa e nós conseguimos ter precisão de como aplicar aquilo, aquele conhecimento. Aqui não, eu não concordo que seja assim.

O segundo aspecto das metodologias adotadas pela UTFPR e pelo IPB diz respeito à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Aulas planejadas, envolvendo o conteúdo e situações reais, tanto no aspecto de estudo de caso como resolução de problemas, são metodologias percebidas, na sua opinião, em que proporção na UTFPR e no IPB?

» Nós tivemos poucas cadeiras lá para fazer, mas a experiência do professor contava muito quando ele transmitia o conhecimento.

Nós tínhamos um docente que tinha trabalhado em uma indústria de cafés, então, quando nós estávamos discutindo um processo, ele dizia que, quando tinha tido aquele problema na torrefação do café, por exemplo, como ele podia interagir, como ele podia agir. Não era só ter um painel de controle e ver se estava tudo certo, era ir mesmo ao conhecimento, ver o que podia estar a acontecer com o equipamento, aumentar a temperatura, abaixar, aumentar a velocidade do fluido, diminuir.

E isso acontecia também em outras cadeiras que os próprios professores tinham desenvolvido, por exemplo, experiências ou um artigo que tinham visto que aquele conhecimento dava para aplicar ali. Ir para a UTFPR me ajudou muito na parte prática, a experiência dos professores do que tinha acontecido lá fora, mas aqui eu não noto isso.

Aqui, os professores não mostram, não sei, talvez não tenham exemplos da vida pessoal, talvez seja uma limitação.

O terceiro aspecto diz respeito às aulas centradas no estudante, uma exigência do Tratado de Bolonha. Gostaria que você ressaltasse os aspectos positivos e negativos dessa metodologia aqui no IPB e comentasse se percebe esse foco (centrado no estudante) na UTFPR, mesmo sem fazer parte desse Tratado.

» Eu não vi grandes diferenças. Esse exemplo do aluno chegar, expor e ver como tratar, como abordar aquela situação, onde procurar, ver ele próprio as dificuldades que pode encontrar e pesquisar e ter o apoio do professor, não noto isso.

Eu acho que eles só expõem a matéria, ajudam sim em experiências, há um protocolo para desenvolver, por exemplo, determinação da vitamina C em um sumo de laranja. Somos nós que desenvolvemos, mas eu não preciso ir à procura de conhecimento fora para conseguir cumprir aquele protocolo, qualquer dúvida que eu possa colocar na hora: "Professora, eu não estou a perceber como posso desenvolver aqui, como é que tenho que começar?".

Mas não precisar procurar fora para conseguir desenvolver aquilo, nem aqui, nem lá. Mas eu acho que a autonomia do aluno seria muito

mais desenvolvida, a independência que cada um tem seria interessante se desenvolvêssemos, fôssemos atrás do próprio conhecimento.

Talvez alguns alunos não tenham interesse, querem ir só para uma sala de aula, ouvir, escutar. Eu acho que o conteúdo se aprende na hora, você desenvolve na hora, faz o exame e depois passou, se não fixar o conhecimento, acaba por esquecer. Por outro lado, se houvesse essa parte prática, digamos assim, não ia esquecer, porque perante àquela situação, àquela dificuldade, você saberia agir.

O estímulo ao empreendedorismo e à inovação são percebidos no IPB e na UTFPR de que maneira?

» Sim, eu posso falar no meu polo aqui no IPB, na Escola Agrária. Na Agrária essa tecnologia não está muito presente porque os nossos cursos não necessitam disso.

Por exemplo, a parte agrônômica você tem que saber como preparar os terrenos, ver como se faz um enxerto em uma planta, quais pesticidas têm que aplicar naquela cultura, então eles vão saber como trabalhar em um trator, uma charrua, uma peça.

Vão para a vinha ver como se processa, na nossa não dá para ir para uma indústria e ver como um queijo vai ser produzido, quer dizer dá, mas nós não fazemos. Então, por exemplo, nesse polo, na ESTIG (Escola Superior de Tecnologia e Gestão), eles precisam, em curso de informática, têm de ter esses PCs (*Personal Computer*), computadores, no desenho eles também, como arquitetar projetos não é, na nossa área alimentar não.

Talvez haja em outras, mas no curso não. Lá na UTFPR, eu acho que sim, senti muito mais a presença, por causa dos laboratórios, o que eu

digo, nós estávamos na aula teórica e depois tínhamos o conhecimento, tentar visualizar o que acontecia a seguir, e por isso eu acho que nós tínhamos muito mais acesso à parte tecnológica. Pode não estar tão desenvolvida, mas tínhamos um conhecimento.

Por exemplo, lá nós tínhamos os laboratórios, equipamentos para fazer enchidos, pão, doce, aqui não tem. Por isso é que eu digo, é bom em uma sala de aula explicar como se processa um queijo, mas como é que nós vamos ter um queijo e produzir sem praticar, nós não temos isso.

Durante os cursos, tanto no IPB quanto na UTFPR, os estudantes são estimulados a ter contato com o mercado de trabalho? De que forma?

» Sim, lá sentíamos isso, primeiro porque sabíamos que teríamos uma experiência prática e depois que desenvolveríamos em laboratório a nossa própria experiência na tese, na dissertação.

Aqui o contexto de trabalho é quando terminar o curso. Lá, eu acho que também acontecem mais visitas técnicas a empresas, na UTFPR acontece mais, o planejar, o desenvolver, a própria disciplina promove que os alunos saiam do campus.

Nós fomos a Campo Mourão, visitar uma fábrica de laticínios, portanto nós sabíamos tudo o que era conhecer lá dentro as instalações, ouvir a opinião dos trabalhadores, conhecer, entrar, olhar para uma fábrica e dizer: “Eu um dia vou poder trabalhar aqui”.

Nós aqui não temos isso, podemos ter umas visitas de campo, uma indústria, um matadouro, fizemos isso, mas pouco. Eu acho que na UTFPR há mais oportunidades para sair e explorar, ter esse contato antes da formação. Aqui só ocorre, ou só existe, se o próprio docente, o próprio

professor tiver interesse em mostrar aos alunos como aquilo se processa, em contrapartida, não.

Gostaria de saber sobre o perfil do docente da UTFPR e do IPB. O que você percebeu?

Na UTFPR muito apoio, eles explicam muito bem a matéria, dão muitos exemplos, eles preocupam-se se o aluno está a perceber, se está a entender, se está atento à matéria.

Não percebi um exercício que está no quadro, vamos tentar repetir, vamos explicar por partes, vamos dar um outro exemplo e depois eles dão trabalhos para fazer em casa, na próxima aula trazer, pode ser para avaliação, pode não ser. Então todo esse processo conta no fim para a nota final.

No nosso caso não, apenas ocorrem nas disciplinas que têm parte prática, faz um protocolo como a microbiologia, com um relatório do que aconteceu na sala de aula e é avaliado, nas outras não acontece isso, no nosso curso no IPB. Tanto cá no IPB como lá na UTFPR, eu senti que quem conseguia transmitir mais conhecimento ao aluno era quem já tinha tido uma experiência anterior fosse em uma indústria, fosse depois como docente, ou seja, quanto maior o conhecimento que o docente tivesse, mais ele conseguia transmitir para o aluno.

Então, eu acho que uma boa formação por parte do professor é essencial para o saber ministrar aulas, para o transmitir. Eu acho que nos dois casos eu vi que havia as duas coisas.

Denominações como institutos politécnicos e faculdades de ciências aplicadas são empregadas em diferentes países para representar instituições que guardam profunda similaridade com as universidades tecnológicas. Você veio de um instituto polítéc-

nico, o IPB, o melhor do país. Gostaria de saber qual é o seu conceito de universidade tecnológica ou politécnica.

» As melhores condições, um grupo de professores muito mais preparados, a parte prática que eu poderia vir a desenvolver dentro do próprio curso, o acesso a mais informação, a mais meios materiais, tudo, em comparação à clássica.

Porque eu tenho colegas na universidade clássica que eu noto bastante diferença, a proatividade que existe aqui é diferente do que eles têm lá, o próprio nome diz, a clássica é só aquilo, nós aqui temos muito mais inovação, nós temos esses projetos, muitas palestras, muitos auditórios que promovem a vinda de professores de fora para dar opinião, o debate de assuntos, congressos que se fazem...

A Semana de Ciências Agrárias que nós temos, portanto, reúne um conjunto de informação, de debates que podem ser feitos e depois há exposição, tanto dos alunos, como dos professores e de pessoas solicitadas de fora para dar opinião, do que pode acontecer, das dúvidas, se estão à procura de novos investimentos, novas tecnologias. Portanto, há essa continuidade, nós aqui temos acesso a todo o tipo de informação.

Se eu quiser ir à Escola Superior de Educação assistir uma palestra, eu posso, eu sou livre de ir, portanto, não fico restrita à minha área, posso ter conhecimento de várias e isso ajuda muito.

Eu queria desenvolver, por exemplo, a minha dissertação junto com um colega da ESTIG, que me ajudou a facultar ferramentas para o meu trabalho, eu tenho acesso a isso. Muito mais flexível, muito mais amplo, mais aberto, não ficamos limitados só ao nosso polo. Nas outras instituições eu acho que isso não acontece, nas clássicas.

Eu posso ter a minha dissertação aqui e querer ir trabalhar para um laboratório em um outro instituto, vamos supor, eu fazia a minha dissertação

na área de laticínios, o Instituto Politécnico de Leiria tem um laboratório que me permitiria desenvolver esse projeto. Se eu propusesse isso não haveria impedimento de eu ir para lá trabalhar e regressar e apresentar aqui e trazer ideias novas, conhecimento para cá, acho que não haveria qualquer limitação nesse aspecto.

Você diria que a UTFPR possui diferenciais que a caracterizam como uma universidade tecnológica? E o IPB?

» Acho que sim, acho que a UTFPR tem todos os potenciais para que isso aconteça. Por isso, se eles quiserem avançar com isso, acho que não vão ter qualquer dificuldade em adaptar-se. O IPB também.

Para terminar, o que a UTFPR tem de melhor? E o IPB?

» Boa pergunta. Então aqui, além do IPB estar no meu país, de eu poder ter acesso a tudo fácil, lá [na UTF] eu acho que as coisas são mais distantes, tive que fazer a minha parte prática lá, inclusive um estágio profissional, eu tive que me ausentar da cidade para ir a uma indústria de alimentos, bebidas, massas e bolachas.

Estive no departamento das bolachas, mas também era uma cidade ali em Foz do Iguaçu, perto, eu apanhava o ônibus e ia, mas tinha que me deslocar. Aqui, na minha cidade, eu tenho facilidade de encontrar um estágio profissional e desenvolvê-lo lá, eu só tenho que depois regressar ao IPB e apresentar aqui o que eu fiz, estou em casa, estou na minha cidade.

O procurar trabalho onde eu quero fixar é um bocadinho mais fácil porque eu estou aqui, lá eu tenho que sair procurar. Então, o melhor do

IPB é eu estar em casa, ter acesso, eu poder ir para minha cidade, Braga, Porto, Lisboa, desenvolver lá o meu estágio e regressar.

Lá há aquele fator de mudar de cidade também, mas ter que mudar de cidade, eu não sei se para eles é difícil, se é uma dificuldade. Lá o que há de melhor é a universidade, não a parte física, mas os professores muito mais atenciosos, mais carinhosos, o fato de estarem no gabinete sempre abertos para tirar dúvidas, questões.

Eu gostei porque ficou como se fosse a nossa família lá, o apoio dos amigos, aqui os portugueses não são assim, são mais frios, são mais distantes. Na UTFPR senti mais receptividade, porque acho que faz parte da cultura do Brasil, vocês são mais calorosos, mais companheiros, aqui não, aqui é professor e aluno, não há muita interação.

Há algo não dito sobre a UTFPR ou o IPB que você gostaria de comentar?

» Já passaram dois anos e nós estamos à espera do diploma, ou seja, o que adiantou eu dizer que estive fora do país se eu não tenho um papel, um meio de mostrar isso.

Se eu saí de lá aprovada, se eu computei tudo, se eu tive uma nota boa, vim para cá, fui aprovada, tenho tudo feito, por que não tenho um papel que diga que eu fiz essa participação?

Eu já pedi e eles falaram que estão em conversação para ver o que é possível fazer, eu não sei qual é a dificuldade, não sei qual é a barreira que existe, mas a verdade é que eu não tenho documento que mostre que eu estive no Brasil, que eu desenvolvi minha tese lá.

Depois, há outro pequeno detalhe. O nosso país, segundo a nossa lei e as regras daqui do IPB, somos obrigados a defender aqui, ou seja, eu

defendi lá no Brasil, com uma banca lá e por vídeo chamada, os docentes daqui ouviram, viram, participaram, deram opinião, a própria nota, portanto, eu lá desenvolvi, defendi, só que eu cheguei cá e tive que fazer nova avaliação, nova defesa, nova banca e eles atribuíram uma nota.

Ou seja, se eu lá tive 18, aqui podiam me dar um 16 e depois em conjunto eu ia ter uma nota, e eu não acho que tenha que ser avaliado duas vezes, porque se os professores de lá estão a avaliar, a dar a sua opinião, o seu conhecimento, é desvalorizar e o contrário não acontece.

Os alunos quem vem da UTFPR para o IPB só defendem aqui. Eu acho isso injusto, aqui tem que ter uma banca, tem que defender em Portugal, mas se eles observaram, estiveram presentes na minha defesa lá, por que repetir?

Então, eu acho que são dois aspectos a melhorar: primeiro, a emissão do diploma, que é urgente, está completa, está tudo feito, não há qualquer obstáculo ou impedimento, tenho direito a ele, eu posso ir trabalhar e mostrar o meu diploma, o meu certificado.

E o outro aspecto é a avaliação, sou avaliado duas vezes, uma nota lá, uma nota cá. A avaliação deveria ser feita só lá, eu desenvolvi lá, trabalhei com eles, eles são os meus orientadores, há um coorientador aqui e um orientador lá. Ele participa, estamos sempre em interação, opinião dele, avaliação, revisão da defesa, da tese, é feita pelos dois, então por que a avaliação em dois sítios?

E, sabendo que aqui no IPB pode mudar a nota que eu tive lá, eu não concordo com isso. Acho que é isso, porque no resto eles foram impecáveis, cá e lá, não houve qualquer imprevisto, todos compreensíveis. No geral, tudo ocorreu bem, só esses dois aspectos que são desconfortáveis para nós, eu não tenho um documento que diz que eu estive fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os relatos dos estudantes portugueses que fizeram dupla diplomação na UTFPR, enfatizamos alguns pontos mais relevantes. Houve discrepância entre os motivos que levaram estes estudantes a vir para o Brasil e escolher a UTFPR para dupla diplomação, que vão desde sair da zona de conforto, curiosidade de conhecer o Brasil, até uma oportunidade para melhorar o currículo da graduação. Já, o que motivou os estudantes brasileiros estudantes da UTFPR a realizar intercâmbio no IPB em Portugal foram congêneres e concentram-se na obtenção de um diploma europeu e na possibilidade de entrar no mercado de trabalho europeu.

Entre as principais dificuldades sentidas pelos intercambistas, destacamos os aspectos levantados pelos portugueses referentes a habitação, transporte e alimentação. Como no Brasil ainda não há tradição na internacionalização, as universidades não possuem estrutura para receber e dar suporte aos estudantes estrangeiros, ficando tudo a cargo dos próprios estudantes que encontram dificuldades nestes quesitos.

Tal como acontece nas universidades europeias, resultado do programa Erasmus, no IPB há suporte para estudantes estrangeiros sobretudo para habitação, com apartamentos mobiliados e próximos ao campus.

A questão da alimentação foi citada apenas pelos portugueses, que acharam o cardápio nos restaurantes universitários da UTFPR pouco diversificado. A necessidade de domínio de outro idioma além do português, que poderia ser uma dificuldade, não apresentou relevância, visto que na UTFPR todas as aulas são ministradas em português e no IPB, mesmo sendo ministradas em inglês, devido ao alto número de estudantes internacionais, os estudantes da UTFPR já haviam sido orientados e portanto não encontram obstáculos na comunicação.

Quanto às metodologias de ensino utilizadas na UTFPR e no IPB, tentamos analisá-las sob três aspectos.

Primeiro, com relação ao uso da metodologia tradicional *versus* metodologia ativa. Na percepção dos estudantes portugueses do IPB, a metodologia de ensino aplicada na UTFPR, especialmente nos cursos de Engenharia de Alimentos, é mais ativa que a metodologia do IPB. As aulas eram ministradas em grande medida nos laboratórios, e os estudantes tinham autonomia para manusear equipamentos e materiais. Na área alimentar, a UTFPR possui forte estrutura laboratorial, que permite aos estudantes uma experiência mais prática e dinâmica. Por outro lado, a percepção dos estudantes da UTFPR foi diferente. Para estes estudantes dos cursos de Engenharia Civil, Mecânica, Química e da Computação, a UTFPR trabalha com uma metodologia mais tradicional, composta em grande medida por aulas expositivas, em que a voz principal é a do professor e o estudante é um receptor de conteúdo. Importa ressaltar que, dois dos entrevistados vivenciaram um terceiro intercâmbio em universidades norte-americanas, e para estes, tanto o IPB quanto a UTFPR são muito tradicionais se comparados com o sistema americano.

O segundo aspecto analisado na pesquisa são metodologias de ensino adotadas pela UTFPR e pelo IPB com relação à teoria e à prática, especialmente no quesito aplicação do conteúdo. Os estudantes da UTFPR também enfatizaram uma atuação mais teórica dos docentes na metodologia aplicada na UTFPR do que a usada pelos professores do IPB.

Estes resultados vão ao encontro do terceiro aspecto questionado, referente à autonomia dos estudantes e às aulas concentradas mais no estudante do que no professor. Encontramos similitudes nas percepções dos estudantes que asseveram que as aulas no IPB se concentram muito mais na prática e oferecem maior autonomia ao estudante que as aulas na UTFPR. No IPB, as aulas são disponibilizadas com antecedência para os estudantes via sistema, de modo

que podem acessar os conteúdos e aproveitar melhor as discussões que acontecerão em horário de aula.

Alguns exemplos foram citados de professores que trabalham o conteúdo na forma de projetos, sempre vinculados com a realidade oferecendo maior autonomia aos estudantes na busca pelo conhecimento. Nos relatos percebemos que os projetos desenvolvidos no IPB possuem uma conexão maior com a região e com o mercado de trabalho. Além disso, muitos professores trazem casos práticos para serem resolvidos em sala de aula.

Para os estudantes, as aulas são planejadas envolvendo o conteúdo e situações reais. Contudo, destacamos que, na percepção dos estudantes, a maior autonomia também pode trazer consequências negativas quando o estudante não é proativo. Os conteúdos, quando oferecidos prontos e formatados, como acontece na UTFPR, poderão preparar melhor o estudante academicamente.

Obviamente, estas impressões acerca da metodologia de ensino possuem estreita relação com o perfil dos professores, que, conforme alguns entrevistados apontaram, é muito heterogêneo. Na UTFPR não há uma diretriz para que as aulas sejam ministradas de forma ativa, com conhecimento mais prático e útil, diferentemente do IPB que, com o Tratado de Bologna, segue uma diretriz que orienta para práticas de ensino diferenciadas.

Portanto, quando questionados sobre o perfil dos docentes nas instituições, verificamos duas linhas de pensamento. Primeiro, que ambos os grupos de estudantes foram unânimes em dizer que o perfil do professor da UTFPR é muito acadêmico, ou seja, o profissional forma-se, faz mestrado, doutorado e torna-se professor.

Ao passo que, o docente do IPB possui, em maioria, experiência na indústria, trabalha em contraturno em empresa, possui sua própria empresa, ou ainda mantém forte relacionamento com empresas. Como consequência, os professores são mais atualizados, as aulas são ministradas com exemplos e conteúdos reais e os projetos têm maior aplicabilidade.

A segunda linha de pensamento é que ambos os grupos de intercambistas indicaram que os professores da UTFPR são mais atenciosos, prestativos e acessíveis aos estudantes do que os professores do IPB.

Isso pode ser resultado do regime de dedicação exclusiva dos docentes universitários, regime que, se por um lado é benéfico, limita o docente na proximidade com o mercado e na aplicabilidade dos conteúdos ministrados.

Sobre o relacionamento das instituições com o mercado de trabalho e incentivo ao empreendedorismo e à inovação, houve similitude nas respostas. Para os estudantes, há maior proximidade do IPB tanto com o mercado de trabalho quanto - e sobretudo - com a região onde a instituição está localizada.

Os estudantes compararam a atuação e o relacionamento da UTFPR com a região do Paraná e do IPB com o Norte de Portugal, e a percepção é de que a UTFPR é menos ligada ao território. Os estudantes destacaram o apoio que o IPB oferece no desenvolvimento de TCCs vinculados a problemas reais ou que possam ser aplicados na região ou na indústria, com total suporte dos professores para a aquisição de materiais e equipamentos.

Percebemos que os estudantes sentem o estímulo ao empreendedorismo e à inovação em ambas as instituições; contudo, no Brasil, existem limitadores como a burocracia para abertura de empresas ou para parcerias que requeram investimento de empresas em projetos desenvolvidos por estudantes e professores.

Questionados sobre o conceito de universidade tecnológica ou de institutos politécnicos, verificamos que os estudantes dos dois grupos não compreendem seu real significado e as diferenças que existem neste modelo universitário.

Quando optaram por estudar em uma instituição tecnológica, a percepção destes estudantes era de que, por exemplo, a UTFPR é uma universidade com maior disponibilidade de tecnologia, mas na concepção deles não necessariamente deve haver uma maior associação das instituições com o mercado de trabalho ou com o desenvolvimento de novos produtos e de tecnologia.

No caso do primeiro grupo, esta percepção cresceu com a experiência do intercâmbio no IPB, quando perceberam a proximidade do instituto com o mercado e com a região, além do estímulo ao desenvolvimento de projetos e produtos vinculados às necessidades da sociedade.

Finalmente, os pontos positivos levantados pelos dois grupos sobre as instituições concentraram-se basicamente em dois pontos: estrutura e internacionalização. Ambas as instituições foram elogiadas quanto à estrutura física e organizacional.

Quanto à internacionalização, que no IPB já é uma realidade, os estudantes citam a grandiosa experiência de andar pelos corredores da universidade e encontrar estudantes do mundo todo, o que torna o intercâmbio uma experiência realmente internacional.

O IPB integra o Top 500 das instituições com maior recepção e envio de estudantes em mobilidade Erasmus; além de ser uma instituição multicultural, onde 20% dos seus estudantes possuem nacionalidade não portuguesa.

No lado da UTFPR, os pontos positivos também se voltam para a internacionalização que, mesmo ainda incipiente na instituição, já oferece inúmeras oportunidades aos estudantes, com um número crescente de acordos institucionais e dupla diplomação com instituições estrangeiras. Isso é percebido pelos estudantes como uma vantagem de estudar na universidade.

Ressaltamos que esta comparação entre as duas instituições tecnológicas, com base nos relatos dos intercambistas, possui como limitador o fato de que a UTFPR é considerada uma jovem universidade, com apenas 12 anos (desde sua transformação), enquanto o IPB, com 44 anos, já atingiu uma maturidade institucional que lhe permite um estado mais avançado sobre o modelo.

Outra limitação da pesquisa é o número de estudantes entrevistados, que é pequeno considerando o universo de intercambistas, especialmente da UTFPR para o IPB. No grupo de estudantes portugueses, a limitação foi que os quatro estudantes entrevistados relataram a experiência de um único curso, Engenharia de Alimentos.

Apesar das limitações, os relatos evidenciaram a percepção dos estudantes numa fase inicial dos processos de intercâmbio da UTFPR que poderão colaborar na construção de novas políticas e novos acordos institucionais a fim de promover a formação de um estudante diferenciado, multicultural e preparado para o mercado globalizado.

Título Mobilidade estudantil internacional
Formato 21 x 21 cm
Tipografia Avenir Next LT Pro | Adrian Frutiger & Akira Kobayashi
Licença CC BY-NC-ND

EDUTFPR

Este livro, produzido pela EDUTFPR, é financiado com recurso público e visa à ampla e democrática disseminação do conhecimento. Esta edição promove o ODS 4 Educação de qualidade, que tem o intuito de assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos, envolvendo docentes e discentes em sua produção e promovendo diversas oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Além disso, é favorável à preservação de árvores e diminuição da pegada de carbono global.

Curitiba
25°26'20.4"S 49°16'08.4"W
Feito no Brasil
Made in Brazil
2022

A internacionalização é considerada um dos grandes desafios estratégicos de qualquer instituição de ensino superior que busca o *status* de Universidade de Classe Mundial. Foi por meio das estratégias de internacionalização assumidas pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal, iniciadas em 2013, que se concretizou um projeto de cooperação ímpar em mobilidade de estudantes, mobilidade de docentes e implementação de dupla diplomação e projetos de pesquisa. A plataforma de dupla diplomação IPB-UTFPR atingiu a participação de mais de 350 estudantes, ressaltando que o IPB possui aproximadamente 3 mil estudantes não-portugueses de 70 nacionalidades distintas. No presente *e-book*, são ouvidos os alunos, diretos participantes na mobilidade para dupla diplomação, que relatam suas percepções sobre o processo e os seus resultados; sobre a experiência de formação em duas instituições; sobre as metodologias de ensino, procurando novas experiências de aprendizagem ativa e centradas no aluno. Não menos relevante, são apontados depoimentos sobre a experiência pessoal e social do intercâmbio, muito além da experiência acadêmica e técnica.

O material está dividido em dois capítulos, compostos pelo Grupo 1: estudantes brasileiros da UTFPR que fizeram intercâmbio em Portugal no IPB, e Grupo 2: estudantes portugueses do IPB que fizeram intercâmbio no Brasil na UTFPR, além do prefácio escrito pelo ex-presidente do IPB e atual secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Este *e-book* é produto de uma pesquisa de doutorado em Ensino de Ciências e Tecnologia intitulada Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Instituto Politécnico de Bragança: um estudo comparativo.